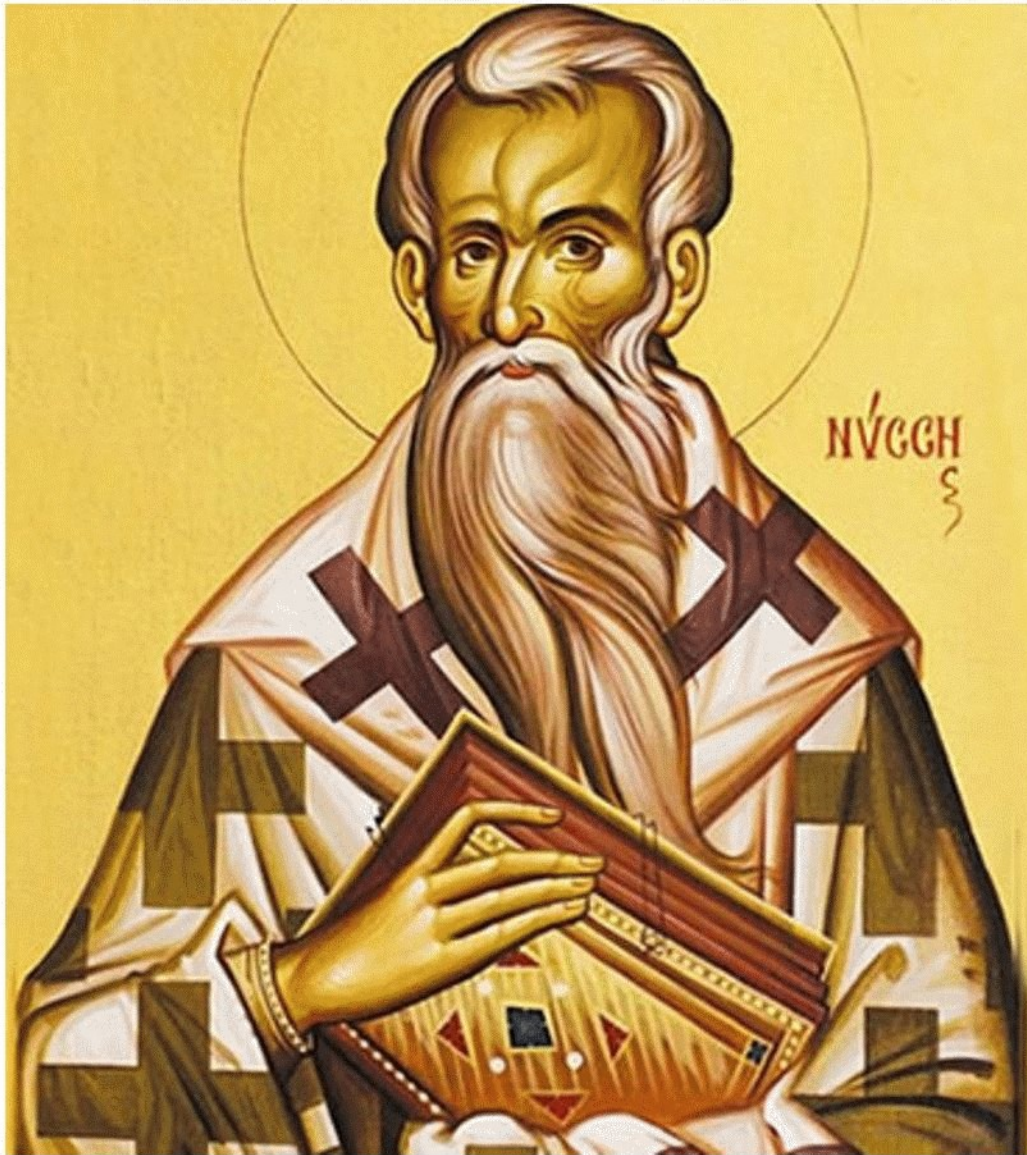


SÃO GREGÓRIO DE NISSA



A CRIAÇÃO DO HOMEM

FONTE DO TEXTO

academia.edu

Imagem da Capa

paroquia J. T.

Texto extraído do Vol. 29, «GREGÓRIO DE NISSA», da
coleção "Patrística", editada por "PAULOS"

PREFÁCIO

Gregório, bispo de Nissa, ao irmão Pedro, servo de Deus¹

Se devêssemos honrar com as riquezas aqueles que são eminentes pela virtude, todas as fortunas do mundo não bastariam, como diz Salomão,² para igualar-se à tua virtude, pois mais vale o respeito que se deve à tua veneração do que a honra das riquezas. Mas a santa Páscoa me lembra o dom habitual que trago à tua magnificência, ó homem de Deus. Este dom é assaz pequeno para ser digno de ti, mas não inferior às minhas forças: um discurso, como uma vestimenta pobre, provindo da minha exígua inteligência, tecido não sem fadiga.

A hipótese do discurso parecerá talvez audaciosa para muitos, mas não me pareceu fora de propósito. Somente Basílio,³ nosso pai comum e mestre, considerou dignamente a criação de Deus, visto que era homem criado segundo Deus e cuja alma era formada à imagem do Criador. Sua especulação colocou ao alcance de muitos a beleza do universo e tornou cognoscível, para aqueles que teriam sido impelidos ao estudo da sua ciência, o mundo formado pela verdadeira sabedoria de Deus. Ora, mesmo sendo assaz impotentes para admirá-lo, tive igualmente a ideia de completar as considerações desse grande homem: não que eu queira, atribuindo-lhe minha obra, contaminar a sua (de fato, não é lícito desonrar a sua boca considerando-a autora dos nossos discursos), mas eu gostaria que não parecesse que a glória do mestre faltasse em seus discípulos. Se, de fato, tendo a sua obra sobre os “Seis Dias” (*Hexaemeron*) deixado de lado a consideração do homem, nenhum de seus discípulos tenha empreendido o complemento da parte que faltava, a sua glória se prestaria talvez à repreensão por parte dos detratores, por não ter procurado incutir em seus ouvintes o hábito da reflexão. Segundo as minhas forças, ousei empreender a exegese das coisas que permaneciam a tratar. Se, nessas páginas, encontrares alguma coisa que não seja indigna do ensinamento de Basílio, o mérito será todo reportado ao mestre, mas se o meu discurso não atingir a grandeza da sua especulação, ele, tendo evitado a repreensão, será livre da acusação de não ter gerado alguma coisa de sábio em seus discípulos. E os críticos justamente me julgarão responsável de não ter tido um coração à medida da sabedoria do mestre.

O escopo de meu estudo não diz respeito às coisas pequenas, alguma maravilha do cosmo de interesse secundário, mas talvez [trate-se da realidade] que ultrapassa em grandeza tudo o que conhecemos; de fato, nenhuma outra coisa é semelhante a Deus, exceto a criação do homem. Assim, confio que haja compreensão por parte dos benévolos leitores em relação ao meu escrito, mesmo se o discurso permanecer muito aquém da dignidade do argumento: de fato, em tudo o que concerne ao homem, nada se deve deixar sem exame do que a fé nos ensina de seu passado, do destino que esperamos para ele no futuro e de sua condição presente. Seria censurável a minha obra como inferior à promessa se, na consideração do homem que empreendo, omitisse alguma coisa daquelas que se encontram na hipótese de trabalho.

Os argumentos acerca do homem, à primeira vista, parecem contraditórios, porque as coisas que eram no princípio e aquelas que existem agora na sua natureza não se encontram entre si em necessária concatenação lógica (*akolouthia*). Podemos resolver a contradição com a guia das Escrituras e com o raciocínio, para que a hipótese chegue a encontrar a concatenação lógica e a ordem daquelas coisas que parecem opor-se, enquanto tendem para um só fim, encontrando a potência divina uma esperança para aquilo que está além da esperança e uma saída para as coisas às quais não se descortina uma saída.

Para maior clareza, pensei apresentar-te o discurso [antepondo aos capítulos] breves resumos, para que tu possas, na brevidade das argumentações, conhecer o plano de toda a obra.

CAPÍTULO I

Algumas particularidades da filosofia do cosmo e narração das coisas que se sucederam antes da geração do homem

“Este é o livro da gênese do céu e da terra”, diz a Escritura,⁴ quando foi terminado todo o mundo visível e quando cada um dos seres, antes separados, estabeleceu-se em sua sede, quando o corpo do céu circundava todas as coisas: no centro se situava a matéria dos corpos, pesada e voltada para baixo, a água e a terra que se mantêm mutuamente uma na outra.

Dois princípios opostos: movimento e repouso. Céu e Terra⁵

Para que houvesse entre os seres gerados um liame sólido, a natureza recebeu nela a arte e a potência divina para governar com dupla energia todas as coisas: por meio do repouso e do movimento se produz a geração das coisas que ainda não existem e a conservação daquelas que existem. Ao redor da natureza pesada e imóvel, muito rápido o movimento do polo avançando em círculo tal como um disco, os elementos são mantidos em uma união indissolúvel. De fato, a substância que se move circularmente pela velocidade do movimento circunda a solidez das terras e, de outro lado, a substância estável e firme pela sua fixidez imutável aumenta a evolução das coisas que se movem em círculo. Uma mesma tensão foi situada em cada uma das substâncias separadas por meio de suas atividades próprias: aquilo que é estável por natureza e aquilo que gira com necessária rapidez. Assim, de fato, nem a terra muda da própria posição, nem o céu se cansa do grandíssimo ímpeto do próprio movimento.⁶

Eis os primeiros elementos que a sabedoria do Criador estabeleceu como princípio de todo o mecanismo dos seres. Julgo que o grande Moisés, declarando que, no princípio, Deus criou o céu e a terra, desejasse significar que, na criação, todos os fenômenos que, por vontade de Deus, foram conduzidos à geração se originaram do movimento e do repouso.

Parentesco desses princípios através das substâncias intermediárias: ar, água

Sendo o céu e a terra diametralmente opostos entre si por causa das suas atividades, a criação, que está no meio, em parte participa das situações vizinhas e se coloca no meio dos extremos, a fim de tornar evidente a conexão que possuem entre si as coisas contrárias. Através desse meio, o ar imita a incessante mobilidade e sutileza da essência do fogo pela leveza da natureza e por sua aptidão ao movimento. O que não lhe impede aparentar-se às coisas estáveis, não permanecendo sempre desprovido de movimento, nem sempre fluindo e dispersando-se.

Pela familiaridade com uma e com a outra parte do cosmo, torna-se como um confim (*methórios*) entre as propriedades opostas, misturando e separando⁷ em si mesmo os elementos por natureza heterogêneos; pela mesma razão também a substância úmida se harmoniza com um e com outro dos contrários. Por seu peso e sua tendência para baixo, ela tem muita familiaridade com a terra, e pela participação na fluidez e na permeabilidade não é de todo estranha à natureza do movimento. Então é possível a mistura dos contrários, a saber: da densidade que se transforma em movimento e do movimento não encontrando obstáculo em um corpo pesado, de sorte que se juntam entre si substâncias por natureza extremamente separadas, graças à união que colocam entre elas as substâncias intermediárias.

União das partes opostas pela mistura de suas propriedades. Diferença entre criatura e criador

Ainda mais: para falar com precisão, a natureza das partes opostas não é de fato sem nenhuma mistura das propriedades da outra porque, como creio, os fenômenos do cosmo se inclinam uns para os outros, e a criação que se encontra dispersa nas propriedades dos contrários conspira⁸ em direção à própria unidade. De fato, o movimento não consiste somente em um deslocamento local, mas é também transformação (digamos também que a natureza imutável não conhece o movimento que consiste em alteração), e a divina sabedoria, tendo feito a mudança das propriedades particulares, colocou naquilo que está sempre em movimento a inalterabilidade, e naquilo que é sempre imóvel o movimento, tendo feito isto com providência, para que, vendo nas coisas criadas aquilo que é próprio da natureza divina, a inalterabilidade e a imutabilidade, os homens não julgassem chamar a criação por Deus. De fato, não se pode tomar por divino o que se move ou se altera. Por essa razão a terra é fixa, mas conhece a alteração, e o céu, que não se altera como a terra, não tem fixidez. Assim a potência divina, tendo misturado à substância em repouso a alteração e à natureza imutável o movimento, reaproxima misturando entre si as propriedades particulares com certa afinidade e não permite que se possa atribuir-lhes a divindade. De fato, nem uma nem outra coisa poderia ser tida por divina: nem aquilo que jamais está em repouso, nem aquilo que se transforma.

A criação na perfeição

É assim que o conjunto das coisas atinge sua perfeição (*télos*). De fato, diz Moisés: foram terminados o céu e a terra e todas as coisas situadas entre os dois e cada uma foi ornada com a beleza que lhe compete, o céu com a clareza dos astros, o mar e o ar com os animais que nadam e que voam, a terra com a diversidade das plantas e dos arbustos: todas essas coisas que recebem juntos sua vitalidade da vontade divina e que a terra gera no mesmo instante.

A terra era repleta de coisas admiráveis tendo gerado com as flores os frutos; os prados eram plenos de todas aquelas coisas que neles nascem; os rochedos e os cumes dos montes, os flancos das costas e os vales se coroavam de ervas novas e de variedades de árvores; estas, mal saíam da terra, logo atingiam a beleza perfeita. Naturalmente, todas as coisas estavam na alegria e eram vivificadas segundo o preceito divino. Os animais dos campos e os rebanhos habitavam nos bosques, por toda parte nos lugares abertos e cobertos de sombra ressoavam os cantos harmoniosos dos pássaros. A vista do mar era, como é natural, pacífica e tranquila na reunião de suas ondas, e os portos e os abrigos criados espontaneamente pelo querer divino ao longo de suas costas juntavam o mar ao continente. Os pacíficos movimentos das ondas correspondiam à beleza dos prados, fazendo levemente ondular o cume das ondas sob ventos suaves e benfazejos.

E todo o tesouro da criação sobre a terra e sobre o mar estava pronto, mas não havia quem dele participasse.

CAPÍTULO II

Porque o homem veio como último na criação

Esta grande e honrável coisa que é o homem não havia ainda encontrado lugar na criação. De fato, não era conveniente que o chefe aparecesse antes das coisas sobre as quais teria comandado. Mas não era senão depois da preparação de seu reino que devia logicamente ser revelado o rei, quando o Criador do cosmo tivesse por assim dizer preparado o trono daquele que devia reinar. Eis a terra, as ilhas, o mar e sobre eles, o céu como um teto. Riquezas de todos os gêneros tinham sido colocadas nesses palácios: por riquezas, eu entendo toda a criação, tudo o que a terra produz e faz germinar, todo o mundo sensível, vivente e animado.

Assim, se é preciso contar nessas riquezas as matérias que pela beleza das cores aparecem preciosas aos olhos dos homens como o ouro, o dinheiro e aquelas pedras que os homens amam, todos esses bens Deus os escondeu no seio da terra como em tesouros

régios. Em seguida, fez aparecer o homem neste mundo para que se tornasse o contemplador e o mestre das maravilhas que nele existem, de sorte que, através do regozijo delas, recebesse a inteligência daquele que as tinha fornecido e através da beleza e da grandeza daquilo que via pudesse investigar a inefável e inexprimível potência do Criador.

Por todas essas coisas, o homem chegou como cumprimento, não seja relegado com menosprezo ao último lugar, mas porque desde seu nascimento convinha que ele fosse rei. E como um bom mestre de casa não faz entrar o convidado antes de ter preparado os alimentos, mas depois que tenha preparado todas as coisas e decorado com ornamentos adaptados à casa, o assento da refeição, a mesa, e quando todas as coisas são preparadas para o jantar faz entrar o convidado no lar doméstico, do mesmo modo, aquele que, em sua imensa riqueza, é hóspede de nossa natureza, decora, antes de tudo, a casa com belezas de todo gênero e prepara um variado e magnífico festim; então ele introduz o homem para lhe confiar não a aquisição de bens que ele não teria ainda, mas o regozijo daqueles que se lhe oferecem. E, por essa razão, lança nele dois princípios de criação, misturando o terreno com o divino, a fim de que, através de ambos, tenha de maneira congênere e familiar o regozijo de um e de outro: de Deus através de sua natureza mais divina, dos bens terrenos através da sensação, que é da mesma ordem que esses bens.

CAPÍTULO III

A natureza humana é o que há de mais honrável em toda criação visível

É preciso também deter nossa atenção sobre este fato de que, uma vez colocados os fundamentos de um semelhante cosmo e das partes que o constituem em sua totalidade, a potência divina improvisa por assim dizer a criação, que começa a existir logo que ordenada. Para a criação do homem, ao contrário, uma deliberação precede e, segundo a descrição da Escritura, um plano é, primeiramente, estabelecido pelo Criador para determinar o ser que virá ao mundo, sua natureza, de qual arquétipo teria trazido a imagem, para qual fim teria sido criado, que coisa se teria tornado através da própria atividade e de quem teria se tornado dominador. A Escritura examina tudo cuidadosamente por antecipação, para mostrar que o homem obterá uma dignidade anterior ao seu nascimento, visto que obteve a hegemonia sobre os seres antes de chegar [ele mesmo] à existência. De fato, diz Moisés: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança; que ele comande aos peixes do mar, às feras da terra, aos pássaros do céu, a todos os animais e a toda a terra”.⁹ Que coisa admirável! O sol é criado e nenhuma deliberação precede! E assim acontece para o céu. Entretanto, nada os iguala na criação. Com uma só palavra essas maravilhas subsistem, e o discurso sagrado não indica nem donde vêm, nem como, nem outras coisas do gênero.

Assim toda coisa em particular, o éter, os astros, o ar que está no meio, a terra, os animais, as plantas, todas estas coisas vêm à existência com uma só palavra. Na criação do homem, o Criador do universo avança com circunspeção: primeiramente, ele prepara a matéria necessária para a sua formação, torna semelhante a sua forma à beleza de um arquétipo; em seguida, segundo o fim pelo qual ele o criou, lhe compõe uma natureza acordada a ele mesmo e em relação com as atividades humanas, segundo o plano que ele se propôs.

CAPÍTULO IV

A criação do homem significa o poder de dominação que ele tem sobre todas as coisas

Os artistas aqui embaixo conferem aos seus instrumentos uma forma em relação ao uso que eles farão dele. Assim [Deus] constrói a nossa natureza como alguma coisa adaptada ao exercício da realeza. Pela superioridade que vem da alma, pela forma mesma do corpo, ele dispõe as coisas de tal sorte que o homem seja apto ao poder régio. De fato, esta característica régia que o eleva acima das condições privadas, a alma espontaneamente o

manifesta, por sua autonomia e sua independência e pelo fato de que, em sua conduta, ela é soberana de seu próprio querer. E de quem outro é isto senão do rei? Acrescente-se a isto que o ser imagem da natureza que governa todas as coisas nada mais significa que no ato da criação tenha sido formada como natureza régia.

De fato, como, segundo o uso comum, aqueles que constroem imagens dos potentes plasmam a representação dos traços e expressam a dignidade régia pelas vestimentas de púrpura e diante desta imagem, por causa da semelhança, tem-se o costume de dizer: “o rei”. Assim também a natureza humana, criada para o governo das outras [criaturas], por causa de sua semelhança com o rei Universal, foi feita como uma imagem viva que participa no arquétipo pela dignidade e pelo nome. Não é ornada de púrpura, nem significa a sua dignidade por meio de cetro ou diadema (de fato, o arquétipo não está nessas coisas), mas, ao contrário, é revestida da virtude que é a mais régia de todas as vestimentas; em lugar de um cetro, ela se apoia sobre a bem-aventurança da imortalidade; no lugar de um diadema régio, ela traz a coroa da justiça, de sorte que tudo, nela, manifesta sua dignidade régia, por sua semelhança exata com a beleza do arquétipo.

CAPÍTULO V

O homem é uma imagem da realza divina

A beleza divina não resplandece pela figura ou pela felicidade da forma, ou pela beleza das cores, mas se contempla em uma indizível bem-aventurança segundo a virtude. Como os pintores, nas cores que utilizam para representar uma pessoa sobre um quadro, dispõem suas tintas segundo a natureza do objeto para fazer passar ao retrato a beleza do modelo, assim imagine do mesmo modo que o nosso Criador, tendo ornado com a sua beleza a imagem com o manto da virtude, como com cores, mostra em nós o seu principado. A gama variada das cores que estão na imagem, através das quais se reproduz a verdadeira forma, não é nem o vermelho, nem o branco, nem alguma mistura dessas [cores] com outras, nem o preto que sublinha os olhos e as sobrancelhas e do qual certa mistura realça a sombra das partes côncavas da imagem, nem qualquer outra coisa que tenham inventado as mãos dos pintores. Mas, no lugar dessas, estão a pureza (*apátheia*),¹⁰ a liberdade de espírito, o afastamento de todos os males e de todas as coisas deste gênero através das quais se forma nos homens a semelhança com Deus.

Com estas flores o demiurgo (*de miourgós*) da própria imagem ornou a nossa natureza. Se procurares também as outras coisas através das quais se delineia a beleza divina, encontrarás nestas salvaguardada a semelhança da imagem que somos. Inteligência (*nous*) e Palavra (*logos*) é a divindade: de fato, no princípio era a Palavra. E, segundo Paulo, os Profetas têm o espírito de Cristo que falava neles. Não longe desses atributos está a natureza humana. Vejas em ti mesmo a razão e o pensamento, imagem da Inteligência e da Palavra por essência. Deus é ainda amor: assim diz João, o Sublime, que “o amor é Deus e Deus é amor”.¹¹ Aquele que plasmou a nossa natureza colocou em nós também esta característica: “conhecereis todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros”.¹² Portanto, se o amor está ausente, todos os traços da imagem em nós estão deformados.

Enfim, a divindade tudo vê, tudo entende, tudo perscruta: vós também, através da vista e do ouvido, tendes a percepção das coisas e, pelo pensamento, podeis procurar e perscrutar os seres.

CAPÍTULO VI

Exame do parentesco da inteligência com a natureza. De passagem é também refutada a opinião dos Anomeus

Ninguém pense que eu afirme que a divindade abranja todos os seres à semelhança da

atividade humana por diversas operações. De fato, não é possível na simplicidade de Deus a variedade e a multiplicidade das atividades de percepção. Aliás, podemos dizer que nós mesmos percebemos as coisas através das diversas sensações, mesmo se as atingimos pela variedade dos sentidos? Uma só é a potência, a mesma inteligência que está em nós, que percorre toda sensação e percebe os seres: esta contempla através dos olhos o mundo dos fenômenos, entende com o ouvido aquilo que se diz, ama aquilo que deseja e refuta aquilo que não é segundo [o seu] prazer, serve-se das mãos para aquilo que usa, tomando e abandonando com elas os objetos segundo quanto julga útil.

Se, portanto, no homem, no qual a natureza preparou diversos órgãos para a sensação, é uma só e a mesma inteligência que se move através de todas as atividades e serve, segundo a conveniência, de cada uma para o fim próprio não modificando a sua natureza pela diversidade das operações, como se poderia ver em Deus, através da variedade das potências, a multiplicidade das essências? “Aquele, de fato, que plasmou o olho”, como diz o Profeta, e “Aquele que formou o ouvido”,¹³ segundo os modelos que nele estão, introduz na natureza humana essas atividades como características constitutivas para o conhecimento. “Façamos”, diz, “o homem à nossa imagem”.

Mas onde está a heresia dos Anomeus?¹⁴ O que dizem eles contra esta palavra? Como eles salvarão nesta palavra o vazio da opinião deles? Talvez eles dirão que é possível que uma só imagem se assemelhe a formas diversas? Se o Filho tem uma natureza dessemelhante em relação àquela do Pai, como pode uma só imagem ser constituída por naturezas diversas? De fato, Aquele que diz “Façamos o homem à nossa imagem” e que indica a santa Trindade no plural não falaria da imagem de modo singular se os modelos fossem dessemelhantes entre si. De fato, não seria possível mostrar uma única imagem de pessoas que não coincidissem entre si. Se, portanto, as naturezas eram diferentes, as imagens também seriam diferentes e para cada pessoa haveria uma imagem. Mas se a imagem é única sem que o modelo o seja, deve-se concluir, a menos que se tenha perdido a razão, que seres semelhantes a um ser único são igualmente entre si. Por essa razão, talvez a Escritura, para cortar este mal, diga a propósito da criação da vida humana: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.

CAPÍTULO VII

Porque o homem foi feito pela natureza desprovido de armas e proteções naturais

Que significa a estatura ereta do homem? Por que ao corpo não são congêntas forças naturais? De fato, o homem vem ao mundo, despojado de proteções naturais, inerte, pobre e indigente de tudo em relação às necessidades de sua vida, aparentemente merece mais piedade do que ser declarado feliz. Como armas, ele não tem nem as defesas dos chifres, nem as pontas das unhas, nem escudos, nem dentes, nem é munido da natureza do aguilhão envenenado para dar a morte, todas essas coisas, enfim, que a maior parte dos viventes possui para a defesa contra quem lhes causa danos; [o homem] não cobre o corpo com vestes de pelos.

Pareceria que aquele que deverá ter o comando sobre outros, deveria ser, da parte da natureza, munido de armas para a própria defesa sem ter necessidade da ajuda de outros. Ora o leão, o javali, o tigre, a pantera e outros animais semelhantes têm uma força suficiente para a sua salvação da parte da natureza. E ao touro [a natureza] deu os chifres; à lebre, a velocidade; à gazela, o salto e a segurança dos olhos; aos outros animais, o tamanho; a outros ainda, uma tromba; aos pássaros, as asas; à abelha, o ferrão; a todos sem exceção, a natureza deu um meio de defesa.

O homem é o menos rápido dos ligeiros; entre os animais corpulentos, é o mais magro; entre aqueles que possuem defesas naturais, ele é o mais fácil de ser pego. Como, portanto – alguém perguntará –, um semelhante ser foi designado para o comando de todos?

Mas não é difícil mostrar que aquilo que parece fraqueza para a natureza humana é ocasião para dominar aqueles que nos circundam. Se, de fato, o homem fosse dotado de tal força a ponto de superar em velocidade o cavalo e se tivesse tais pés de modo a não sofrer com a dureza do solo, graças à defesa dos cascos ou das unhas, se trouxesse chifres, ou ferrões, ou garras, seria primeiramente, com semelhantes meios conaturais ao seu corpo, um ser feroz e de desagradável encontro. Além disso, não procuraria dominar os outros, não tendo necessidade da ajuda dos que lhe são submetidos. Ora, ao contrário, em virtude da sua situação entre cada um dos animais a ele submetidos são partilhadas as coisas que lhes são úteis e assim torna-se necessário comandá-los. De fato, em razão da lentidão e da dificuldade do movimento do corpo é que o homem usou o cavalo e o domou; a nudez de seu corpo fez com que se tornasse necessário servir-se das ovelhas, a fim de completar com as lãs anuais aquilo que falta à sua natureza. O fato de que lhe seja necessário tirar de fora os meios de sustentação para a vida atrelou ao seu serviço os animais de carga. Não podendo, à semelhança das feras dos campos, alimentar-se de ervas, submeteu, domesticando-o, o boi, que, com as suas fadigas, lhe torna a vida mais fácil. Uma vez que tinha necessidade de dentes e de um órgão para morder, o cão coloca ao seu serviço o maxilar tornando-se para o homem uma espada viva. Mais forte que a defesa dos chifres, mais cortante que a ponta dos dentes, o ferro foi utilizado pelo homem: nem sempre se servindo dele como as defesas das feras, mas no tempo devido combatendo com ele, permanece à parte pelo resto do tempo. E em vez de [possuir] as escamas do crocodilo, o homem pode fazer delas uma arma, para cingir seu corpo segundo as necessidades. Ou, na falta de escamas, para este mesmo fim, ele trabalha com a técnica do ferro: usando-o em tempo de guerra, torna-se livre dele por ocasião da paz, abandonando a arma. Faz servir à vida também a asa dos pássaros, de sorte que, por sua engenhosidade, ele tem ao seu alcance a rapidez do voo. Alguns animais se tornam, pois, domesticados e ajudam os caçadores, e graças a esses outros foram submetidos às suas necessidades. Em particular, a engenhosidade de sua técnica dá asas às flechas e, pelo arco, [o homem] coloca ao seu serviço a velocidade do pássaro. Enfim, a sensibilidade de seus pés no caminho torna necessário [ao homem] procurar uma ajuda nas coisas que lhe estão submetidas: daí vem que, a nossos pés, ajustamos os calçados.

CAPÍTULO VIII

Por causa da estatura ereta do homem as mãos também foram feitas para a linguagem. Neste capítulo também algumas considerações filosóficas sobre a diversidade das almas

A estatura ereta

A estatura do homem é ereta e tende o seu olhar para o alto: esta atitude o torna apto ao comando e significa seu poder régio. O fato de que somente o homem entre os seres seja feito assim, enquanto o corpo de todos os outros animais é orientado para baixo, mostra claramente a diferença de dignidade que há entre os seres sob o poder do homem e esta potência colocada acima deles. Para todos os outros [animais] os membros anteriores do corpo são pés porque a sua inclinação tem necessidade em toda parte de um apoio; na formação do homem os membros tornaram-se mãos. Para uma estatura ereta era suficiente uma só base que sustentasse o ser com dois pés em segurança.

As mãos

De outro lado, para as necessidades da linguagem, as mãos lhe são de uma ajuda particular. Alguém que visse no uso das mãos o próprio de uma natureza racional não se enganaria de todo, não somente por certo motivo correntemente admitido e fácil de compreender que elas nos permitem representar nossas palavras através das letras (de fato,

não é desprovido da elegância da palavra o fato de que possamos nos expressar com as letras e de um certo modo de conversar com as mãos, conservando com a natureza dos elementos os sons), mas de minha parte tenho em vista outra coisa quando fala da utilidade das mãos para a formação da palavra.

A ordem da criação dos seres

Antes de examinar o assunto, voltemos a um ponto que havíamos deixado de lado. Muito pouco faltou, de fato, que tínhamos esquecido; que, segundo a ordem das coisas, primeiramente, surge o rebento daquilo que nasce da terra; em seguida, vêm os animais sem razão e, depois desses, a criação do homem. Daqui talvez aprendamos aquilo que está ao alcance de todos: que do Criador apareceu a erva vantajosa para os viventes e as feras dos campos em vista do homem; por esta razão [Deus] criou o alimento antes dos animais, e, antes do homem, tudo o que devia servir à sua vida. Parece-me que Moisés tenha demonstrado, através de uma doutrina misteriosa e indizível, uma filosofia da alma que tinha descortinado, mas não apreendido claramente também a educação pagã.

Os degraus na vida corporal

Com essas palavras, a Escritura nos ensina que a força que está nos viventes e nos seres animados é de três espécies: primeiramente, aquela que permite aos seres crescerem e alimentarem-se, atraindo para si o alimento necessário para o seu desenvolvimento; esta é chamada “natural”: encontra-se nas plantas. De fato, nos produtos do solo, podemos ver uma força vital desprovida de sensação. Em segundo lugar, há uma outra forma de vida, que possui a primeira forma vital e que tem, além disso, um organismo sensorial. É o caso dos animais sem razão (*álogos*): eles se alimentam e se desenvolvem, mas possuem uma atividade sensível e a percepção. Enfim, a perfeição da vida corporal se encontra na natureza racional, isto é, na natureza humana: ela se alimenta, tem sensações, participa da racionalidade e é governada pela inteligência.

Os degraus do ser em geral

Dos seres há, de um lado, o inteligível (*noēton*); de outra parte, o corpóreo (*sōmatikon*). Mas deixemos agora de lado a divisão da natureza inteligível nas próprias distinções: não é o nosso discurso. Das naturezas corpóreas, algumas são de todo privadas de vida; outras participam da atividade vital; entre os corpos viventes, alguns são munidos de sensação; outros desta são privados. A natureza sensível se divide, por sua vez, em racional e não racional.

A ordem seguida por Moisés

E assim, depois da natureza não animada, sustento do gênero dos seres viventes, o legislador [Moisés] diz ter sido formada a vida física, que existe nas plantas; coloca em seguida os seres governados segundo a sensação. Segundo, pois, a ordem lógica (*akolouthían*), entre os seres que recebem a vida da carne, de um lado, existem os seres sensíveis que podem viver por si mesmos sem a natureza intelectual e, de outro lado, o ser racional que de nenhum outro modo nasceria no corpo se não fosse misturado à sensibilidade; por essa razão, no final (*teleutaios*), depois das plantas e dos animais, foi criado o homem, uma vez que a natureza avança para um caminho lógico em direção à perfeição.

A alma do homem, “recapitulação” das três “almas”

Este animal racional, o homem, se forma através da mistura de todos os gêneros de alma. De fato, se alimenta segundo a parte física da alma; a esta potência de crescimento, ele une a potência dos sentidos que se mantém no meio entre a natureza da substância inteligível e

aquela material, mas quanto mais ela participa da espessura da matéria, tanto menos participa da mais pura desta [isto é, da inteligência]. Em seguida, se faz a mistura proporcional entre a substância inteligível e o que é luminoso na natureza sensível, de sorte que o homem é composto dessas três substâncias.

Mesma divisão da alma humana na Escritura: S. Paulo e o Evangelho

O Apóstolo nos ensina a mesma coisa por suas palavras aos Efésios:¹⁵ ele reza por eles para que guardem a integridade do corpo (*sōmatos*), da alma (*psychēs*) e do espírito (*pneúmatos*) para a parusia do Senhor. Para designar a parte nutritiva, ele diz “corpo”; para a “alma”, ele entende a parte sensitiva; para o “espírito”, a parte intelectual. Da mesma maneira, o Senhor no Evangelho ensina ao escriba que o amor de Deus precede todos os mandamentos e que ele deve se exercer com todo o coração, com toda a alma e com toda a inteligência. Aqui também me parece que a Escritura faz a mesma distinção: ela fala de “coração” para designar a natureza corporal, de “alma” para aquilo que é intermediário entre o corpo e o espírito e de “espírito” para a natureza mais elevada, a capacidade de pensar e de agir.¹⁶ Assim também o Apóstolo conhece três distinções da liberdade de escolha: ele chama “carnal” aquela que não vê senão o ventre e as paixões prazerosas; “animal”, aquela que é intermediária entre a virtude e o vício, superior a este, mas não participando estreitamente naquela; enfim, chama “espiritual” aquela que consiste na perfeição da vida segundo Deus. É, por isso que, escrevendo aos Coríntios, repreendendo o modo de viver deles dedicado aos prazeres e às paixões, diz: “Sois carnis e incapazes das doutrinas mais perfeitas”;¹⁷ Em outro lugar, fazendo um confronto entre o degrau do meio e o degrau mais perfeito, ele diz: “O homem animal não acolhe as coisas do Espírito, para ele são loucura; o homem espiritual julga todas as coisas e não é julgado por ninguém”.¹⁸ Como, portanto, a alma está acima daquilo que é carnal, do mesmo modo, por analogia, o “espiritual” é colocado acima do “carnal”.

Sentido da ordem seguida por Moisés

Se, portanto, a Escritura diz ser gerado o homem no final, depois de todo vivente, outra coisa não faz o legislador senão filosofar sobre a alma e na consequência necessária da ordem dos seres, vendo a perfeição nos vindo por último. No ser dotado de razão estão compreendidos todos os outros, no ser dotado de sensação está presente inteiramente a ordem natural e esta se considera somente na matéria. Assim a natureza, através das propriedades da vida que são como graus, segue adiante seu caminho do inferior até o perfeito.

Finalidade das mãos: a palavra

Visto que o homem é, portanto, um animal capaz de expressar-se racionalmente, era conveniente que o instrumento de seu corpo fosse predisposto ao uso da linguagem. Da mesma maneira que os músicos executam a música segundo a forma dos instrumentos e não fazem sair sons da flauta com a lira, nem sons da cítara com a flauta, assim era necessário que existisse uma criação de órgãos para a linguagem de maneira convenientemente elaborada pelas partes aptas à voz, a fim de que possam tornar um som adaptado à necessidade das palavras: por isso as mãos são articuladas ao corpo. Sem dúvida é possível enumerar infinitamente as necessidades da vida para as quais os instrumentos das mãos levam vantagem em relação a toda técnica e a toda atividade tanto na guerra como na paz. Entretanto, é antes de tudo para a linguagem que a natureza articulou as mãos ao nosso corpo. Se, de fato, o homem fosse desprovido das mãos, as partes da visão seriam como quadrúpedes, destinadas à necessidade da alimentação, a forma da visão seria alongada e

atenuada na região das narinas, com lábios proeminentes, calosos, duros e espessos, a fim de arrancar a erva; ele teria entre os dentes uma língua diversa, forte de carne e capaz de mastigar ao mesmo tempo com os dentes os alimentos, ou ela seria úmida, capaz de passar esses [alimentos] pelos lados, como a dos cães ou dos outros carnívoros, que a fazem espalhar no meio dos dentes.

Se, portanto, as mãos não fossem articuladas ao corpo, como no homem se formaria a voz não sendo adaptadas as partes ao redor da boca para a necessidade do som? Assim o homem deveria balir ou ulular, ou mugir como os bois ou como os burros ou emitir mugidos selvagens. Mas visto que as mãos foram articuladas ao corpo, a boca está livre para a linguagem. Assim as mãos propriamente são a característica evidente da natureza racional, tendo o Criador, através delas, projetado [para nós] a facilidade da linguagem.

CAPÍTULO IX

Porque a constituição do homem foi adaptada às necessidades da linguagem

O Criador concedeu uma graça divina à nossa criação, colocando na imagem a semelhança de seus bens: os bens restantes [o Criador] os deu à natureza humana por liberalidade, mas a inteligência e o pensamento não podemos dizer propriamente que os deu, mas, antes, que os participou tendo colocado na imagem a ordem própria da sua natureza. Ora, a inteligência teria sido um dom incomunicável e sem relações, salvo a alguma invenção que manifestasse o seu movimento. É o que tornou necessária a criação de um organismo a fim de que as partes fonéticas, à maneira de um plectro, traduzissem pela impressão de sons variados o movimento vindo do interior. Como hábil músico que não tenha mais a sua voz por causa de uma doença, para fazer conhecer a sua ciência, canta por meio de vozes estranhas, tornando pública a [sua] arte mediante a flauta ou a lira, do mesmo modo a inteligência humana descobre pensamentos de toda espécie e não pode mostrar através do corpo os estímulos do pensamento. Como uma hábil afinadora, a inteligência toca esses órgãos animados e, através do som deles, torna manifesto os seus pensamentos secretos. No instrumento humano há como uma mistura de flauta e de lira que se unem uma à outra em uma mesma harmonia. O sopro, vindo, de fato, dos vasos que o contêm, é impulsionado para o alto através da traqueia. Toda vez que aquele que quer falar estende este órgão em vista de um produzir um som, o sopro se choca nas conexões que estão ao redor deste tubo semelhante a uma flauta. Ele imita de certo modo o som que provém da flauta através das vibrações produzidas por membranas proeminentes. O palato recebe o som vindo de baixo com a sua cavidade na qual se difunde em dois canais nas narinas e, dividindo a voz com estas cartilagens proeminentes semelhantes a escamas ao redor do osso etmoide, torna o som mais claro. As bochechas, a língua e as partes que circundam a faringe, que dá ao queixo inferior uma forma côncava terminada em ponta, toda esta organização corresponde ao movimento variado e múltiplo das cordas do plectro, que muda rapidamente os tons segundo a necessidade. Os lábios, quando relaxam e se comprimem, têm o mesmo efeito que os dedos daqueles que regulam o sopro da flauta e a harmonia do canto.

CAPÍTULO X

A inteligência age através das sensações

Assim é graças a esta organização que a inteligência, como um músico, produz em nós a linguagem, tornando-nos capazes de falar. Esse privilégio, sem dúvida jamais o teríamos, se nossos lábios devessem assegurar, para as necessidades do corpo, o serviço fadigoso da alimentação. Mas as mãos tomaram para si este encargo e deixaram livre a boca para o serviço da linguagem. Nesse órgão a atividade é dupla: uma, para a emissão do som; outra, para a impressão dos conhecimentos vindos do exterior. E não se misturam uma com a outra,

mas cada qual permanece na função que lhe impôs a natureza, não causando perturbação à vizinha: assim nem o ouvido fala, nem a voz ouve: mas esta aparece sempre pronta para emitir um som e o ouvido está sempre pronto para recebê-lo; porém, ele nunca está saciado [de ouvir], como diz Salomão:¹⁹ coisa que me parece a mais extraordinária de todas aquelas que passam em nós! Qual é a dimensão do espaço interior do ouvido, para onde confluem todas as coisas que através dele entram? Onde estão os secretários para transcrever as palavras que aí penetram? Quais receptáculos das sensações são colocados dentro do ouvido? Como, na diversidade dos sons que de todos os lados aí se lançam uns sobre os outros, não se geram confusão e erro entre aqueles que aí dentro se encontram? O que se passa nos olhos apresenta a mesma maravilha. De modo semelhante, através deles, a inteligência apreende aquilo que é exterior ao corpo e extrai para si as imagens dos fenômenos e reproduz em si mesmo os traços das coisas. Assim igualmente uma grande cidade, recebendo por muitas entradas todos aqueles que para aí vão ao mesmo tempo: todos não correm juntos para o mesmo ponto da cidade, mas alguns vão para a praça; outros, para as habitações; outros, para as estradas largas ou estreitas; outros, para os teatros segundo a própria opinião. Alguma coisa de semelhante eu vejo na cidade da inteligência construída dentro de nós, que as diversas entradas enchem de sensações: a inteligência, julgando e ordenando toda sensação que entra, as dispõe em lugares convenientes do conhecimento.

Para retomar o exemplo da cidade, frequentemente é possível que haja parentes e amigos que aí se encontrem sem terem entrado pela mesma porta; mas, ainda que um tenha entrado por acaso por uma, o outro, por uma outra; não obstante, chegados ao recinto da cidade, eles se agrupam novamente, sendo de uma mesma família. É possível também o inverso: estrangeiros, que não se conhecem, entram na cidade pela mesma porta, mas esta associação do ingresso não lhes cria laços familiares; podem, de fato, uma vez no interior, separar-se para ir à procura dos próprios familiares. Alguma coisa de semelhante eu observo na amplitude da inteligência: de fato, frequentemente, de diversas sensações chega a nós um só conhecimento, o mesmo objeto sendo dividido em muitas partes segundo as sensações. Ao contrário, é possível, partindo de uma sensação, conhecer, muitas e várias coisas que entre si nada possuem em comum por natureza.

É melhor esclarecer o discurso com um exemplo: quando, no que concerne à propriedade dos sabores, procurando-se reconhecer o que é doce para a sensação daquilo que tem gosto ruim, será a experiência que revela a amargura da bile e a doce qualidade do mel. Aqui os objetos são diversos, mas um mesmo objeto pode produzir um conhecimento único, ainda que ele se introduza no pensamento a partir de sentidos numerosos, por exemplo, pelo gosto, ou pelo olfato, ou pelo ouvido e frequentemente também com o tato e a vista. De fato, quem vê o mel, ouve o nome dele, o percebe com o paladar, sente seu odor pelo nariz, o reconhece ao tocá-lo; para cada um desses sentidos, ele conhece um mesmo objeto. Há também o caso em que, através de uma só sensação, podemos aprender vários e multiformes objetos: com o ouvido se recebem toda espécie de sons, a sensação da visão tem a capacidade de considerar sem distinção as coisas mais heterogêneas: de fato, do mesmo modo, ela incide no branco, no preto e em todas as cores mais opostas entre si. Assim, da mesma maneira o é para o gosto, para o olfato, para o tato e para cada sentido que, percebendo segundo a sua natureza, comunica [à inteligência] o conhecimento de objetos de toda espécie.

CAPÍTULO XI

A natureza humana é incognoscível

Qual é, portanto, a natureza da inteligência, que se divide nas atividades sensíveis e que extrai convenientemente de cada uma delas o conhecimento dos seres? Que seja outra em relação às sensações, ninguém que seja sensato poderia duvidar. Se, de fato, tivesse a

mesma natureza que as sensações, ela não teria relações senão com uma só de suas atividades, porque ela é simples, e o que é sem composição não conhece a diversidade. Ora, em nosso ser composto, o tato é uma coisa, o olfato, uma outra, e da mesma maneira os outros sentidos não têm entre si nem comunidade nem mistura. Visto que a inteligência está convenientemente presente em cada um, é preciso supor que é alguma coisa de diverso da natureza sensível, se não se quer introduzir a diversidade em uma natureza espiritual.

“Quem conheceu o espírito do Senhor?”,²⁰ diz o Apóstolo. Da minha parte, eu digo também: “Quem conheceu o próprio espírito?”. Aqueles que julgam poder compreender a natureza de Deus nos próprios raciocínios se conhecem a si mesmos, se conhecem a natureza da própria inteligência. É alguma coisa constituída de muitas partes e composto [responderemos]; mas como a inteligência está na composição e qual é o modo da mistura dos heterogêneos? É simples e não composto. Como então se dissemina na multiplicidade das partes sensíveis? Como na unidade a diversidade? Como na diversidade a unidade? Conheço a solução da dificuldade recorrendo a esta Palavra de Deus: “Façamos”, diz, “o homem à nossa imagem e semelhança”. A imagem não é verdadeira imagem senão na medida em que possui todos os atributos de seu arquétipo; quando decai da semelhança com o seu protótipo, deste ponto de vista ela não é mais imagem.

Visto que, portanto, entre as propriedades que devem ser consideradas na natureza divina é a incognoscibilidade da essência, nisto também a imagem deve assemelhar-se ao seu arquétipo. Se a natureza da imagem pudesse ser “apreendida”, enquanto o protótipo está acima de nossa compreensão, esta diversidade de atribuições provaria o fracasso da imagem. Mas, uma vez que não chegamos a conhecer a natureza da nossa inteligência, que é à imagem de seu Criador, isso demonstra de modo perfeito a semelhança com Aquele que a domina, expressando através do mistério que nela está a natureza “incognoscível”.

CAPÍTULO XII

Indaga-se sobre a localização da parte superior da alma. Psicologia do riso e das lágrimas. Considerações tiradas da “física” sobre as relações da natureza e do espírito.

O que dissemos deve fazer cessar as conjecturas daqueles que afirmam que a atividade inteligível está em alguma parte do corpo; alguns querem colocar no coração a parte superior da alma; outros afirmam que a inteligência está situada no cérebro.²¹ Todos fundamentam tais invenções com verossimilhanças superficiais. Aquele que atribui a hegemonia ao coração fornece o lugar deste como prova da própria opinião: visto que parece ocupar o meio de todo o corpo, o movimento da vontade se reparte do meio em direção a todo o corpo e assim se volta à ação. E como prova da mesma opinião dá-se ainda a disposição do homem à tristeza e à irascibilidade porque parece que estas paixões suscitam juntas nesta parte o sofrimento comum.

Aqueles que consagram o cérebro ao raciocínio dizem que a cabeça é construída como uma cidadela sobre todo o corpo: nela habita a inteligência como uma rainha defendida toda em volta pelos órgãos dos sentidos que são mensageiros ou protetores. Eles dão ainda como indícios de tal suposição o desequilíbrio mental daqueles cujas meninges estão em mau estado e a perda de conhecimento e do sentido da conveniência entre aqueles cuja cabeça é oprimida pela embriaguez. Uns e outros daqueles que sustentam tais opiniões acrescentam também causas naturais para as suas conjecturas sobre a parte superior da alma. Alguns dizem que o movimento do pensamento é do mesmo gênero que o do fogo porque fogo e pensamento estão em perpétuo movimento. E, uma vez que se pensa que o calor tenha a sua fonte no espaço do coração, dizendo que o movimento da inteligência se confunde com a mobilidade do calor, afirmam que é receptáculo da inteligência o coração no qual está contido o calor. Outros, como fundamento e raiz de todos os órgãos dos sentidos, dizem ser a meninge

(assim de fato chamam a membrana que envolve o cérebro) e confirmam a sua tese dizendo que a atividade inteligível não pode ter sede em outro lugar senão naquela parte onde se ajusta o ouvido e onde o percutem os sons que para ele se dirigem. Da mesma maneira é em virtude de sua união a esta membrana na cavidade dos olhos que, graças às imagens que incidem sobre as pupilas, a visão expressa as coisas no interior [da inteligência]. Do mesmo modo é no cérebro que, pela atração do olfato, se distinguem as qualidades dos odores. A sensação do gosto é submetida também ao discernimento desta meninge: esta, comunicando a sensibilidade aos desenvolvimentos nervosos próximos, os espalha nos músculos desta região, através das vértebras do colo que conduzem ao canal etmoide.

De minha parte, reconheço que, frequentemente, a preponderância das paixões perturba a parte racional da alma, e que as disposições do corpo embotam a atividade natural da razão. É também verdade que a fonte de certa inflamação do corpo é o coração excitado por fortes paixões. Além disso, quando se diz, segundo aqueles que se ocupam de fisiologia nesses assuntos, que esta meninge é colocada junto dos órgãos dos sentidos, que ela envolve em si o cérebro e que ela é como “irrigada” de vapores vindos dos sentidos, tendo-o ouvido daqueles que se ocupam de teorias anatômicas, não rejeito aquilo que dizem. Mas com isso não posso ver a demonstração do fato de que a natureza incorpórea seja circunscrita por delimitações espaciais.

De fato, sabemos que os delírios mentais não derivam unicamente da embriaguez: a doença das membranas que circundam as costelas é acompanhada, segundo os peritos da arte médica, de um enfraquecimento também do pensamento: eles chamam esta doença de *phrenitis* (*frenesi*, *loucura*), uma vez que *phrénes* é o nome dessas membranas. E também das dores em torno do coração se deduz uma opinião falaz; de fato, não é coração, mas a entrada do estômago que é assim atingida; este mal se atribui ao coração por ignorância. Eis o que dizem aqueles que examinaram com cuidado esses fenômenos patológicos: nos estados de dor, os canais se contraem e se obstruem naturalmente em todo o corpo e todo o ar que não pode sair é impelido para as cavidades profundas. Então as vísceras, que têm necessidade de respirar, se encontram comprimidas de todos os lados, a contração do ar se faz mais forte por causa da natureza que procura alargar aquilo que se tornou estreito. Esta dificuldade de respirar, nós a consideramos o sintoma da dor, chamando-a gemido ou suspiro. Mas a aparente compressão da parte em torno do coração é uma má disposição, não do coração, mas da entrada do estômago, que tem a mesma contração dos canais: o vaso que contém a biliar pela estreiteza do lugar verte o seu líquido acre e cortante na entrada do estômago. A prova disto é que a pele daqueles que estão assim no estado de dor torna-se amarela e hepática que, sob a ação da biliar, assaz comprimida, se espalha nas veias.

O riso

Mas o que se passa na alegria e no riso confirma ainda mais o que dissemos. Os canais do corpo se dilatam pelo prazer e relaxam entre aqueles, por exemplo, que tenham percebido alguma coisa de agradável com o ouvido. De fato, na dor, exíguas e imperceptíveis passagens do ar fecham e constroem o estado interior das vísceras e fazem subir em direção à cabeça e às meninges o vapor úmido: este, recebido pela cavidade do cérebro por meios dos canais que estão junto à base, é precipitado para os olhos fazendo sair, pela contração das pálpebras, a umidade através de gotas (estas gotas que chamamos lágrimas). Do mesmo modo, considera-se que a disposição contrária dilata os canais mais do que de costume, que o ar é atraído em direção às profundezas e, daqui, segundo a natureza, novamente rejeitada por meio do canal da boca com concurso das vísceras e, sobretudo, como dizem, do fígado, expulsando o sopro com um movimento tumultuoso e agitado; por isso, a natureza, para

facilitar a saída cômoda deste ar, dilata a boca e afasta de cada lado as bochechas para permitir a respiração. O nome dado a este fenômeno é o riso.

Conclusão sobre essas hipóteses

Portanto, não se deve pensar que a parte superior da alma esteja no fígado, nem pela ebulição do sangue ao redor do coração nas situações de ira se deve pensar que esteja no coração a sede da inteligência. Ao contrário, é preciso procurar a causa dessas coisas na constituição mesma dos corpos. Ao contrário, é necessário julgar que a inteligência, segundo um modo indizível de mistura, se une a cada uma das partes do corpo. E se alguns nos opõem a Escritura que testemunha a parte superior da alma no coração, não devemos acolher a argumentação sem ter realizado pesquisas. Aquele que, de fato, fez menção do coração fala também dos rins: “Deus perscruta os corações e os rins”,²² de sorte que seria preciso encerrar o inteligível nos dois órgãos ou em nenhum. Portanto, mesmo tendo aprendido que são enfraquecidas ou também ineficazes totalmente as atividades inteligíveis nos estados [patológicos] do corpo, não vejo nisso prova suficiente para circunscrever em algum lugar a potência da inteligência: neste caso, tumores formados nessas regiões diminuiriam o lugar reservado à inteligência. É somente quando se trata dos corpos que não se pode encontrar onde colocá-los, se o vaso foi precedentemente cheio. De fato, a natureza inteligível não reside no vazio deixado pelos corpos; ela não é tampouco expulsa de um espaço determinado, quando a carne é nele muito abundante.

O pensamento de Gregório: o corpo “instrumento”.

Na realidade, todo o corpo é construído à maneira de um instrumento musical. Como acontece frequentemente aos cantores que estão na impossibilidade de mostrar o seu talento, pois o instrumento está fora de uso, se desgastou com o tempo ou quebrou-se em uma queda ou a ferrugem e o abandono o tornaram inutilizável, de sorte que permanece sem som, mesmo se é um flautista de primeiro valor que o toca, da mesma maneira também a inteligência, que se comunica a todo o seu instrumento, adaptando-se convenientemente às atividades inteligíveis em conformidade com a sua natureza, exerce a própria atividade nas partes que se encontram no estado natural; mas onde a fraqueza de uma parte se opõe à sua operação, ela permanece sem resultado e sem eficácia: de fato, se revela naquilo que é segundo a ordem da natureza, mas se desvia de tudo o que dela se afasta.

Matéria e espírito em nossa natureza

Sobre este ponto podemos fazer uma observação que é, antes, do domínio da “Física” e que é uma maneira de ver assaz interessante. Eis: a Divindade é o Bem Supremo, para a qual tendem todos os seres possuídos do desejo do Bem. Por essa razão também nossa inteligência, que é à imagem do Bem perfeito enquanto conserva a semelhança com o arquétipo, porquanto lhe é possível, se mantém no bem; mas, se dele se afasta, ela é despojada de sua beleza primeira. E como dizemos que a inteligência extrai sua perfeição de sua semelhança com a beleza protótipa de todas as outras, como um espelho recebendo uma forma pela impressão do objeto que aí se reflete, por analogia dizemos que a natureza, administrada pela inteligência, se une a ela e desta beleza colocada junto dela recebe o seu ornamento como um espelho de um espelho; por sua vez, ela governa e sustenta a parte material da substância que a natureza considera. Tanto quanto uma dependa da outra, analogamente subsiste para todas as partes a comunhão da beleza em si, pois o elemento superior transmite sua beleza àquele que é colocado abaixo dele. Mas no exato momento em que acontece uma ruptura desta comunhão de bens ou também, contrariamente àquilo que deve ser, o superior esteja submetido ao inferior, então a matéria separada pela natureza

mostra, através da diversidade, o seu ser disforme (de fato, de per si a matéria nem tem forma nem constituição); em seguida, a deformidade corrompe a beleza da natureza, que recebe sua beleza da inteligência. E assim, através da natureza, passa a deformidade da matéria, de sorte que não se pode mais ver a imagem de Deus na figura plasmada. Com efeito, a inteligência, como um espelho que apresenta à forma de todos os bens a parte posterior, rejeita as manifestações do esplendor do bem e modela nela a deformidade da matéria, assim desse modo nasce a gênese do mal, que surge pelo afastamento gradual do bem. Todo bem, qualquer que ele seja, é da mesma família que o primeiro bem; mas tudo o que não tem com o [primeiro] bem nem participação nem semelhança, não possui absolutamente nenhuma bondade. Se, portanto, segundo a argumentação considerada, o bem real é uno, a inteligência recebe sua beleza da criação à imagem do Bem, e a natureza, que é guiada pela inteligência, é como uma imagem da imagem. Disto se mostra como a parte material de nosso ser recebe toda consistência e toda ordem da natureza que a governa, mas que sua separação com aquilo que lhe dá ordem e coesão e sua ruptura com a tendência natural que a une ao bem desencadeiam sua dissolução e seu retorno para baixo. Esta queda não acontece senão quando a inclinação da natureza se dirige para o oposto, não seguindo o desejo do Bem, mas indo na direção daquilo que tem necessidade de tornar-se bem. Com efeito, de toda necessidade, a matéria que mendiga sua própria forma impõe sua deformidade àquele que se lhe torna semelhante.

Conclusão

Mas essas considerações foram conduzidas por nós segundo uma consequência lógica vinda à nossa mente a propósito de quanto antes havíamos dito. Nós nos perguntávamos se a potência da inteligência tem a sua sede em uma parte especial de nosso ser ou se ela se estende paralelamente em todas. Alguns assinalam para a inteligência uma localização e fundamentam sua suposição no fato de que o exercício do pensamento cessa entre aqueles cujas meninges estão doentes. Nosso raciocínio mostrou que todo órgão do composto humano que tem por si uma atividade própria, pode permanecer ineficaz, se o órgão em questão não se mantém na ordem natural. Conduzimos essas considerações para introduzir na sequência do discurso o princípio enunciado acima, onde aprendemos que, no composto humano, a inteligência é governada por Deus, e nossa vida material pela inteligência, quando ela guarda a ordem natural; se se afasta desta ordem, torna-se estranha à atividade da inteligência. Mas retornemos novamente donde tínhamos partido, a saber: que nas partes que não se afastam de sua constituição natural após alguma paixão (*pathos*), a inteligência exerce sua potência própria e mantém a sua força sobre os órgãos em bom estado, mas ela é impotente sobre aqueles que não deixam espaço à sua atividade. Outros argumentos podem ainda servir para estabelecer este modo de pensar, e se não é molesto para aqueles que estão ainda fatigados pelo discurso, argumentarei ainda brevemente, tanto quanto me for possível, sobre esses assuntos.

CAPÍTULO XIII

Indagações sobre as causas do sono, da sonolência, dos sonhos.

A lei da mudança

Esta vida material e fluida dos corpos, sempre submetida à mudança, não encontra possibilidade de existir senão na perpetuidade de seu movimento. Como um rio conduzido pela sua própria corrente tem o leito onde corre sempre cheio, mas não aparece sempre a mesma água no mesmo lugar, mas uma transcorre e uma outra sobrevém, assim a nossa vida material através do movimento e pela sucessão contínua dos contrários, se desenvolve de modo que, no seu movimento, não possa jamais deter-se. Em vez de ter a capacidade de

permanecer sempre no mesmo lugar, ela é sem pausa para o movimento perene das qualidades semelhantes; e se ela um dia se detivesse em seu movimento, ela cessaria de existir. Assim o vazio sucede ao cheio e novamente o cheio vem tomar o lugar do vazio.

Os dois estados: sono e estado de vigília

O sono relaxa a tensão do estado de vigília; em seguida, o estado de vigília tende para o que é relaxado [pelo sono]. Nenhum desses dois estados dura, mas um sucede ao outro com mútua presença. A natureza se renova por essas mudanças, de tal sorte que, renovando-se de tempos em tempos os dois estados, [a natureza] passa sem descontinuidade de um ao outro. Uma tensão contínua das atividades do vivente produz uma ruptura e uma laceração dessas partes estendidas além do normal; ao contrário, o relaxamento constante do corpo causa a queda e a dissolução do ser. A passagem regular, no momento desejado, de um ao outro estado é uma força para a manutenção da natureza que, graças a esta sucessão perpétua em direção ao momento contrário, dá a si mesma em um [dos contrários] repouso do outro.

O sono

Assim, portanto, a natureza, tomando o corpo distendido pelo estado de vigília, assegura, pelo sono, o relaxamento de sua tensão segundo as necessidades; ela faz repousar as potências sensoriais de sua atividade, como os cavalos depois dos combates de carro. Este benéfico relaxamento é necessário para a conservação do corpo; graças a ele, a alimentação pode passar através de todo o corpo pelos canais que nele se encontram. Assim, de fato, da terra úmida, quando o sol brilha com os raios mais quentes, sobem do fundo vapores nebulosos, um fenômeno semelhante acontece na terra que nós somos, quando o calor natural aquece a alimentação que está no interior. Os vapores tendem, como o ar, a elevar-se e sobem sempre mais alto, chegam às regiões da cabeça, como uma fumaça que penetra nas conexões de um muro; daí são dispersados evaporando em direção aos canais das sensações. Então, cedendo pouco a pouco lugar a esses vapores, a sensação necessariamente impedida permanece inoperante.

Os olhos se recobrem das pálpebras, como se uma máquina de chumbo, isto é, o peso desses vapores, fizesse abaixar as pálpebras sobre os olhos; o ouvido obstruído por esses mesmos vapores, como se alguém tivesse colocado uma porta diante dos órgãos da audição, não exerce mais sua atividade normal. Tal é o estado do sono: a sensação não age no corpo; ela é privada de seu movimento natural, para permitir a distribuição da alimentação que se introduz assim por cada um desses canais com os vapores.

A sonolência

Por essa mesma razão, se as exalações provenientes do interior obstruem os lugares ao redor dos órgãos dos sentidos e se por algum motivo é impedido o sono, o sistema nervoso, cheio desses vapores, se distende naturalmente por si mesmo e esta distensão atenua a região carregada dos vapores. Alguma coisa de semelhante fazem aqueles que, com muita força, torcem as vestes para delas fazer sair a água. As partes ao redor da faringe são arredondadas, e o sistema nervoso aí é assaz desenvolvido: quando é preciso expulsar os vapores que aí estão acumulados (uma vez que é impossível retirar um objeto redondo se não estiver distendido segundo um esquema circular), esta forma arredondada faz com que o sopro seja recebido no bocejo: por meio da traqueia o queixo torna-se côncavo e, enquanto o interior da cavidade assim formada se distende em forma circular, a espessura fuliginosa nesses órgãos é exalada com a saída do sopro. Frequentemente, depois do sono, a mesma coisa se produz quando um desses vapores foi deixado nesses lugares sem ser expulso pelo sopro.

Os sonhos

Esses exemplos mostram claramente o liame da inteligência com a natureza: quando esta está intacta e desperta, ela também tem atividade e movimento, mas, se ela é relaxada pelo sono, permanece imóvel, a menos que [não se queira] tomar por atividade da inteligência a fantasia dos sonhos que nos sobrevém durante o sono. Digamos que somente a atividade do pensamento se refere à inteligência, enquanto as bagatelas fantasistas que se oferecem durante o sono, simulacros da atividade da mente, julgamos que sejam plasmadas pela parte irracional da alma por acaso. Quando, de fato, no sono a alma é desligada das sensações, ela se encontra necessariamente também fora da atividade da inteligência; pois é pelos sentidos que se faz a união da inteligência com o homem: cessando as sensações, a inteligência permanece também inativa. Temos como prova disto o fato de que nas coisas absurdas e impossíveis, parece-nos frequentemente que nós sonhamos; o que não aconteceria se naquela circunstância a alma fosse governada pela razão e pelo pensamento. Portanto, parece-me que, durante o sono, a alma está em repouso em suas partes mais elevadas (quero dizer de suas atividades da inteligência e da sensação); só a parte nutritiva permanece em atividade no sono. Nela permanecem algumas imagens dos acontecimentos do estado de vigília e algumas ressonâncias da atividade dos sentidos e do pensamento que aí imprimiu esta parte da alma que é a memória. Estas são reproduzidas como se apresentam, pois algumas lembranças permanecem ligadas a esta parte da alma. Nesses sonhos, o homem vê pela imaginação: no conjunto do que lhe aparece, não há nenhum encadeamento lógico, mas ele vagueia por erros confusos e enganosos.

Explicação dos sonhos

Na atividade do corpo, ainda que cada parte tenha uma função própria ligada à potência que nela está por natureza, há uma correlação entre a parte em repouso e aquela que está submetida ao movimento: analogamente, mesmo se uma parte está em repouso e uma outra em movimento, o conjunto permanece ligado às partes. De fato, não é possível admitir que a unidade natural da alma se disperse pela predominância da atividade de uma das suas potências sobre uma parte. Mas como naqueles que estão despertos e em exercício, a inteligência comanda e a sensação obedece, enquanto, porém, a parte nutritiva do corpo não faz falta ao resto (a inteligência fornece a alimentação necessária, o sentido a recebe e a força nutritiva do corpo a assimila), assim durante o sono a ordem de comando dessas potências está em nós como que invertida: enquanto comanda a parte irracional, a atividade das outras cessa, mas não se apaga inteiramente. Nesse momento, a parte nutritiva está ocupada, graças ao sono, com a digestão, e ela assegura o cuidado de toda a natureza; não é separada desta a faculdade sensitiva (o que a natureza uma vez uniu não pode ser em seguida completamente separada), mas a sua atividade não pode resplandecer impedida pela inatividade dos sentidos por causa do sono. O mesmo se deve dizer a propósito da inteligência que é unida à parte sensitiva da alma: os movimentos desta determinam os movimentos da inteligência e que seu repouso conduz o repouso da inteligência. É assim que normalmente acontece para o fogo. Quando é circundado de todos os lados pela palha, mas se nenhum sopro agita a chama, esta não se nutre das coisas circunstantes. Entretanto, o fogo não é inteiramente extinto; mas, através da palha, um vapor penetra no ar, e, se o vento começa a soprar, a palha muda a fumaça em chama. Da mesma maneira a inteligência, recoberta durante o sono pela inatividade das sensações, não tem força de fazer brilhar nelas sua luz: não está inteiramente apagada, mas se move como fumaça; há alguma atividade, mas não há força. Um músico, que bate o plectro sobre as cordas relaxadas de sua lira, não faz entender canto regular, pois uma corda, se ela não está estendida, não ressoa, e frequentemente move [a mão] com arte, tocando o plectro na posição local dos tons: nenhum som sai, mas um barulho que não tem sentido nem ordem e que vem do movimento das cordas. Assim o conjunto dos órgãos dos

sentidos é relaxado pelo sono e, ou o artista repousa inteiramente quando uma excessiva fadiga ou algum peso tenham distendido completamente o instrumento, ou sua inatividade permanece sem vigor e indistinta quando o órgão dos sentidos é incapaz de receber exatamente sua impressão. A memória então é confusa e nosso conhecimento do futuro é coberto de véus; a imaginação nos apresenta a imagem de objetos dos quais nos ocupamos na vigília e acontece frequentemente que aí encontramos a indicação de eventos que devem acontecer. Pois a memória, pela sutileza da natureza, ultrapassa a espessura corporal e pode perceber algum objeto existente. Mas não tem o poder de fazer compreender com retidão aquilo que ela diz e de anunciar claramente o futuro, mas a manifestação do futuro permanece incerta e ambígua, a que os intérpretes dos sonhos dão o nome de “enigmas”. Assim o copeiro espreme as uvas no cálice do Faraó, o padeiro se vê a si mesmo transportar cestas de pão: cada um, durante seus sonhos, acredita estar em suas ocupações no estado de vigília.²³ As imagens impressas na parte da alma que diz respeito ao futuro lhes apresentaram ocasionalmente coisas que deviam acontecer graças a esta previsão da inteligência.

Predição pelos sonhos

As predições que Daniel, José e [homens] semelhantes fizeram por uma potência divina e sem nenhum impedimento causado pelas sensações não têm a ver com a questão que debatemos. De fato, ninguém poderia atribuir esses efeitos à potência dos sonhos: isso seria admitir logicamente que estas teofanias que acontecem no estado de vigília não são uma visão direta, mas concatenação espontânea da natureza. Ora, como de todos os homens guiados por sua inteligência poucos são feitos dignos da manifestação divina, assim todos receberam igualmente da natureza a mesma potência da imaginação durante o sono, ao passo que alguns somente, e não todos, podem receber através dos sonhos uma manifestação divina; para todos os outros também, mesmo se os sonhos permitem alguma previsão, ela acontece no modo que dissemos.

Se o tirano de Egito e o da Assíria foram também instruídos no conhecimento das coisas futuras, é porque se propunha com isso um escopo especial: ele deseja manifestar a sabedoria escondida dos santos para que servisse ao bem da comunidade. Como Daniel teria sido reconhecido pelo que era, se os encantadores e os magos não tivessem permanecido impotentes para explicar os sonhos? Como o povo do Egito teria sido salvo, se José tivesse permanecido na prisão e a sua explicação dos sonhos não o tivesse colocado em evidência? Estes são eventos diferentes dos primeiros e não é necessário julgá-los segundo as imaginações comuns. A visão dos sonhos é comum a todos e nasce das imaginações em muitos e de vários modos: de fato, permanecem no momento mnemônico da alma ressonâncias das ocupações do estado de vigília; ou frequentemente a formação dos sonhos é produzida segundo as disposições do corpo. Assim, aquele que tem sede julga estar junto a uma fonte; aquele que tem fome, nos banquetes; o jovem constrói quimeras conforme a sua paixão.

Uma lembrança de Gregório

Encontrei também uma outra causa das coisas que acontecem no sono, cuidando de um parente que sofria de *phrenitis* (*frenesi*, *loucura*), o qual, entorpecido pela abundância de comida de quanto as suas forças suportavam, gritava observando os circunstantes porque tinham enchido seus intestinos de estrume; e todo o seu corpo exalando suor, ele acusava aqueles que estavam ali de trazer água com a qual banhá-lo enquanto jazia e não parou de gritar até que o próprio acontecimento explicou a causa de tais censuras: de fato, um suor abundante escorria pelo seu corpo e o estado de seu ventre indicava o peso dos intestinos.

Assim, enfraquecida a temperança pela doença, a natureza sofria do mesmo mal do corpo, e não permanecendo ele insensível à própria moléstia, o delírio produzido pela doença não lhe dava a força de mostrar claramente a própria aflição. Ora, supondo que seja o sono natural e não a falta de força que tenha adormecido a parte de inteligência da alma, o mesmo fato se produziria em sonho para o nosso doente: a água aí teria traduzido o escorrimento do suor e o peso dos intestinos, o peso dos alimentos. Muitos daqueles que conhecem a medicina expressam a mesma opinião, segundo a qual, entre os doentes, as visões nos sonhos estão em reação com a suas doenças: alguns sonhos são próprios de doentes do estômago, outros de doentes das meninges, outros de doentes de febre, outros daqueles que são biliosos, outros dos doentes na glândula pituitária e daqueles que estão exaustos.

Esses exemplos fazem ver que, na parte da alma ocupada com a alimentação e com o crescimento, a união da alma e do corpo mantém germes de alguma coisa da inteligência que se torna de algum modo semelhante à disposição do corpo e harmoniza as imaginações com a paixão dominante.

Para muitos, as visões no sonho se formam segundo a diversidade dos costumes: umas são as imagens do homem generoso; outras são as do avaro. De modo algum é o pensamento; é, ao contrário, a disposição da alma irracional que forma semelhantes visões e que assim prepara no sonho as imagens daqueles objetos aos quais a alma está habituada em razão de seus cuidados no estado de vigília.

CAPÍTULO XIV

A inteligência não está em uma parte do corpo. Neste capítulo, estuda-se também a diferença entre os movimentos da alma e os do corpo.

Eis que muito nos afastamos de nosso propósito. Desejávamos mostrar que a inteligência não está ligada a uma parte do corpo, mas se junta igualmente a todas comunicando o movimento em conformidade com a natureza da parte submetida. Por vezes sucede que a inteligência segue como uma serva das inclinações naturais. Com efeito, frequentemente a natureza do corpo toma o comando insinuando sensação de dor ou desejo de alegria: então ela tem a iniciativa, excitando em nós o apetite ou nos fazendo procurar nosso prazer. A inteligência, submetendo-se a esses desejos com a sua atividade, ajuda a fornecer ao corpo os princípios do desejo.

Isto se não em todos, mas somente nas naturezas vulgares, que colocam a razão a serviço dos instintos da natureza e que, por esta aliança da inteligência, adulam como escravos tudo o que é agradável aos seus sentidos. Os perfeitos não se conduzem assim: de fato, neles a inteligência governa escolhendo aquilo que é útil segundo a razão e não segundo a paixão. A natureza segue, segundo os rastros, aquilo que é ordenado. O nosso discurso descobriu três diferenças na potência vital: a primeira, “nutritiva”, não tem sensação; a segunda, nutritiva e sensitiva ao mesmo tempo, não tem atividade racional; enfim, a última, racional e perfeita, se expande através de todas as outras, de sorte que ela está presente em todas e na inteligência em sua parte superior. Entretanto, não se deve concluir que o composto humano seja formado de uma mistura de três almas que se poderiam considerar em suas delimitações próprias e que daria a pensar que nossa natureza é um composto de várias almas. Na realidade, a alma, em sua verdade e perfeição é una por natureza, sendo, ao mesmo tempo, inteligível e sem matéria, ligada à natureza material através das sensações. Toda a parte material submetida à mudança e à alteração se desenvolverá se ela participar da potência da alma. Mas se ela se afastar da alma que lhe dá a vida, ela perderá seu movimento. Como, portanto, não há sensação sem substância material, assim, fora da potência inteligível, não há atividade de sensação.

CAPÍTULO XV

Só a alma dotada de razão é propriamente “alma”, e as outras se chamam assim por semelhança. Neste capítulo, se trata também do expandir-se da força da inteligência por todo o corpo e sua adaptação a cada órgão segundo a conveniência.

Se algum ser da criação possui a energia nutritiva, ou ainda se outros são administrados por faculdades sensoriais, sem que os primeiros tenham a sensação nem os segundos a natureza intelectual, e se por causa disso alguém supõe a existência de várias almas, não se coloca entre as almas a distinção que convém. Toda qualificação é atribuída propriamente ao ser que a realiza em sua perfeição; mas se a damos ao ser que não a realiza de todo, esta atribuição é vã. Por exemplo, se alguém mostra o verdadeiro pão, dizemos que este homem aplica propriamente este nome ao objeto em questão. Se, ao contrário, mostra ao lado do pão natural um pão que um artista construiu em uma pedra, a figura é a mesma, a grandeza igual, a cor semelhante, a maior parte das qualidades parece idênticas àquelas do protótipo; entretanto, falta a este objeto o poder de ser um alimento. Assim dizemos abusivamente que esta pedra é chamada “pão”. Da mesma maneira, todos os seres que não realizam integralmente a atribuição que se lhes dá trazem este nome abusivamente.

Como, portanto, a alma tem a perfeição no inteligível e no racional, tudo o que realiza esta qualidade pode receber por semelhança o nome de alma, mas não o é realmente: não se trata senão de alguma energia vital, colocada por nomeação em paralelo com a alma. Assim Deus, que fixa as leis de cada ser, deu igualmente ao homem para as suas necessidades a natureza dos seres desprovidos de razão que não está longe da vida [puramente] física, para que lhe sirvam de alimento como as plantas: “Vós comereis, disse, de todas as carnes como as ervas do campo”. Com efeito, o animal, por sua atividade sensível, parece pouco elevado acima dos seres que se alimentam e crescem sem esta atividade. Isso pode servir de ensinamento aos amigos da carne para que não conduzam o pensamento segundo as aparências sensíveis, mas se ocupem dos bens superiores da alma, visto que é neles que esta reside em sua verdade, ao passo que a sensação lhes é comum com os animais.

Mas a lógica do discurso nos transportou em direção a outras coisas. Nosso escopo não era mostrar que a atividade da inteligência é mais elevada em dignidade, entre os atributos do homem, que a parte material de seu ser, mas que a inteligência não se une a uma das partes de nosso ser e que está igualmente em todas e através de todas: nem as contém do exterior nem tampouco as domina do interior: essas coisas, de fato, se dizem justamente das talhas e de outros objetos semelhantes, que se podem colocar uns nos outros.

A união da inteligência com o corpo representa um liame indizível e impensável: ela não está no interior do corpo (de fato, o incorpóreo não pode ser dominado pelo corpóreo), nem vem do exterior (como o corpóreo poderia circundar aquilo que é incorpóreo?). O intelecto, segundo um modo fora de imaginação e de todo pensamento, aproximando-se de nossa natureza de tal modo que se junta a ela, está, ao mesmo tempo, nela e ao redor dela, mas não reside nela nem a circunda.

Nenhuma outra coisa é possível dizer ou pensar senão isto: conduzindo-se a natureza segundo a sua lógica concatenação, a inteligência também se torna ativa. Mas, se a esta acontece algum dano, o movimento do pensamento se torna também claudicante.

CAPÍTULO XVI

Considerações sobre a palavra de Deus: “Façamos o homem à nossa imagem (eikóna) e semelhança (homoíōsin)”.²⁴ Pesquisa-se sobre o que significa “imagem” e se aquilo que está submetido às paixões e à morte possa ser semelhante ao Ser que é bem-aventurado e livre. E como na imagem possa existir a distinção entre macho e fêmea, distinção que não se encontra no arquétipo.

Duas definições do homem: a filosofia

Retornemos às palavras divinas: “Façamos o homem segundo a nossa imagem e semelhança”. [Filósofos] pagãos imaginaram coisas mesquinhas e indignas da magnificência do homem na tentativa de glorificar a humanidade; de fato, disseram, que o homem é um “microcosmo”, composto dos mesmos elementos do cosmo e com este nome pomposo quiseram fazer elogio de nossa natureza esquecendo que desse modo tornavam o homem semelhante aos caracteres próprios do mosquito e do rato. Esses são compostos dos quatro elementos, porque certamente nos seres animados se vê uma parte maior ou menor de cada um dos elementos, sem os quais qualquer ser sensível não tem natureza para subsistir. Qual grandeza tem, portanto, para o homem, em ser figura e semelhante do cosmo. Deste céu que circunda, da terra que muda, de todas as coisas neles compreendidos e que passam com aquilo que as circunda?

A Igreja

Segundo a Igreja, em que coisa consiste a grandeza do homem? Não na semelhança com o cosmo, mas em ser imagem do Criador da nossa natureza. Qual é o significado da imagem? Como, diremos, o incorpóreo é semelhante ao corpo? Como o que é submetido ao tempo é semelhante ao eterno? O que se modifica, com aquilo que não muda? Aquilo que é perfeitamente livre e incorruptível com o que está sujeito às paixões? Como [será semelhante] àquilo que não conhece o mal aquilo que em todo o tempo habita e cresce com ele? Existe grande diferença entre aquilo que é pensado no arquétipo e aquilo que é criado na imagem. De fato, a imagem, se tem semelhança com o arquétipo, traz justamente tal nome, mas se a imitação não é exata, não é imagem, mas alguma outra coisa. Como, portanto, o homem, este mortal e submetido às paixões e que rapidamente passa é imagem da natureza inteligível, pura, eterna? A verdade sobre isso pode conhecê-la claramente somente a Verdade por essência. Para nós, segundo a nossa capacidade, por meio de conjecturas e suposições, seguiremos a verdade sobre o objeto da nossa pesquisa.

O dilema

Quando a divina Palavra diz ter feito o homem segundo a imagem de Deus, a lamentável miséria da nossa natureza humana não pode ser comparada com a bem-aventurança da vida impassível. É necessário julgar verdadeira uma dessas duas situações quando se compara a divindade com a nossa natureza: ou Deus está submetido às paixões, ou o homem está estabelecido na liberdade do espírito, se se deseja falar de semelhança sobre ambos ao mesmo tempo. Mas se Deus não está sujeito às paixões e para nós não existe possibilidade de estarmos excluídos delas, talvez permaneça um outro discurso com o qual verifiquemos a exatidão da palavra divina que nos diz ser o homem à imagem de Deus. Devemos, portanto, retomar a Sagrada Escritura [para ver] se, através de sua palavra, nos chegue uma guia para aquilo que procuramos.

Depois de ter dito: “Façamos o homem segundo a imagem” e depois de ter indicado o fim para o qual é feito, a Sagrada Escritura acrescenta: “Deus fez o homem segundo a imagem, macho e fêmea os fez”. Já precedentemente, vimos este discurso pronunciado contra a escolha da impiedade herética para ensinar que, se o unigênito Deus fez o homem segundo a imagem, de nenhum modo distingamos a divindade do Pai e aquela do Filho, visto que a Sagrada Escritura os chama Deus, a um e a outro, Aquele que fez o homem e Aquele à imagem do qual foi feito.

Mas deixemos essas coisas para retornar à pesquisa daquilo de que estava tratando: como da Escritura a Divindade é chamada bem-aventurada e como a esta [se pode] dizer semelhante à humanidade que é mísera?

Dupla criação: a imagem, o sexo

Examinemos cuidadosamente as expressões e descobriremos que uma coisa é aquilo que é segundo a imagem, outra coisa aquilo que vemos agora no infortúnio: “Deus disse: façamos o homem à imagem de Deus”. Tem aqui a sua perfeição aquele que foi criado segundo a imagem. Em seguida, a Escritura retoma o discurso sobre a criação: “macho e fêmea os criou”. Todos sabem, penso eu, que este aspecto está excluído do protótipo. “Em Cristo Jesus”, como diz o Apóstolo, “não existe nem macho, nem fêmea”.²⁵ Mas a Escritura diz estar o homem dividido nessas duas situações. Portanto, dupla é de certo modo a criação de nossa natureza, aquela que é à imagem de Deus e aquela que está dividida nessas diversidades. Isso sugere o discurso segundo a mesma ordem dos argumentos.

Dizendo em primeiro lugar: “Fez Deus o homem, segundo a imagem de Deus o fez” e acrescentando, em seguida, as palavras: “macho e fêmea os criou” [é claro] que isto é estranho (*allótrion*) ao que vemos em Deus.²⁶

O homem como mediação entre Deus e o mundo

De fato, creio que das palavras da divina Escritura nos seja dada grande e elevada doutrina: entre os dois extremos opostos um do outro, o homem é meio entre a natureza divina e incorpórea e a vida sem razão dos animais. E no composto podemos constatar as duas ordens: do divino, a razão e a inteligência não admitindo a distinção em macho e fêmea, e do irracional ao qual participa a constituição somática dividida em macho e fêmea.²⁷ Todo ser que participa da vida humana possui tanto uma como a outra característica em sua integralidade.

Prioridade do intelecto sobre o sexo

Mas a inteligência detém o primeiro lugar, como aprendemos, na ordem da criação do homem. Não é senão secundariamente que aparece para este sua união e seu parentesco com o irracional. De fato, está dito em primeiro lugar: “Fez Deus o homem segundo a imagem de Deus”, mostrando através das palavras, como diz o Apóstolo, que neste ser não existe nem macho, nem fêmea. Em seguida, se acrescenta a particularidade da natureza humana: “macho e fêmea os criou”. Que coisa, portanto, aprendemos? Que ninguém me culpe se retomo o discurso de antes para resolver este problema.

Princípio de solução: perfeição divina na imagem

Deus é, por sua natureza, tudo aquilo que de bom é possível compreender com o pensamento. Muito mais: está acima de todo bem que se possa pensar e compreender. Portanto, por nenhuma outra razão [Deus] cria o homem senão por ser [Ele] bom. Assim sendo, quando por este motivo se prepara para a criação da natureza humana, não mostra pela metade a força da sua bondade, dando de um lado ao homem alguma coisa de seus bens, mas tendo ciúme, de outro lado, da participação. Mas a perfeição de sua bondade consiste em fazer passar o homem do não-ser ao ser e a levá-lo ao cumprimento²⁸ não necessitado de algum bem.

A perfeita imagem: virtude e liberdade

Longa seria a enumeração dos bens um a um: não é possível dividi-los numericamente; por essa razão, com uma palavra que os encerre, englobando tudo, a Escritura os designa dizendo: “segundo a imagem de Deus foi gerado o homem”. É o mesmo que dizer: [Deus] fez a natureza humana partícipe de todo bem e a Divindade é a plenitude dos bens; se o homem é à sua imagem, não é nesta plenitude que a imagem terá sua semelhança com o arquétipo? Portanto, em nós está a forma de todo bem; toda virtude, toda sabedoria e tudo aquilo que de

melhor é pensável.²⁹ Um desses [bens] é a liberdade da necessidade, o não ser submetido a qualquer poder físico, o ter uma capacidade de juízo independente.³⁰ De fato, a virtude é alguma coisa que é sem mestre e voluntária: não pode ser virtude aquilo que é por necessidade ou violência.

A imagem e o modelo: 1º Criação

A imagem traz em tudo a marca da beleza protótipa. Mas se ela não tivesse nenhuma diferença com ela, em nada seria um objeto à semelhança de um outro, mas se mostraria a mesma coisa [d'Aquele] do qual é imagem não se distinguindo dele em nada. Qual diferença existe, portanto, entre a Divindade e aquele que é à sua semelhança? Exatamente esta: uma é incriada (*aktístōs einaí*); a outra recebe a existência por uma criação (*dia ktíseōs hypostēnai*).³¹

2º Inclinação à mudança³²

A diferença desta qualidade traz consigo outras propriedades. Admite-se universalmente que a natureza incriada é imutável e permanece sempre a mesma, ao passo que é impossível que a natureza criada tenha consistência sem mudança. A mesma mudança de quem passa do não-ser ao ser acontece por vontade divina; e quando o Evangelho chama imagem a marca de César no bronze, aprendemos que existe semelhança com César na figura, mas na substância há diferença. Assim também no presente discurso, se considerarmos, em vez das notas exteriores, aquilo que se considera na natureza divina e na natureza humana e na qual está a semelhança, será no substrato que encontraremos a diferença que se reconhece entre o incriado e o criado. Enquanto, portanto, um é idêntico e permanece sempre, o outro, nascido através da criação, começou a existir [partindo] de uma mudança e se encontra naturalmente afim a esta mudança.

A previsão da escolha humana

Portanto, Aquele que, como diz a profecia, conhece todas as coisas antes do nascimento, tendo seguido tudo de perto, ou melhor, tendo percebido com a presciência para onde terá se inclinado o movimento da liberdade humana de escolha, em plena posse de si mesma, em seu conhecimento do futuro estabeleceu para a imagem a diferença entre macho e fêmea, que não olha mais em direção ao arquétipo divino, mas, como se disse, torna-se familiar com a natureza irracional.³³

Aplicação ao problema: o que é imagem?

Podem conhecer a causa desta criação somente aqueles que contemplam a verdade e servem à Escritura. Para nós, segundo nossas possibilidades, figuram a verdade por conjecturas ou imagens que a sugerem, expomos isto que nos vêm à mente, não de maneira absoluta, mas sob a forma de exercício para os benévolos ouvintes. Qual é o nosso pensamento sobre a narração do Gênesis? A narração da Escritura sobre a criação do homem através da indeterminação da fórmula [homem] indica toda a humanidade; nesta criação, de fato, não é nomeado Adão como na sequência da narração. O nome dado ao homem criado não é individual, mas universal, da natureza. Somos levados a supor que, da presciência e potência divina, tenha sido, nesta criação, abarcada toda a humanidade.

Nada de indeterminado em Deus...

É necessário, de fato, pensar que nada é indeterminado para Deus nos seres que possuem dele sua origem, mas de cada um dos seres o limite e a medida são determinados pela sabedoria do Criador. Como, portanto, o homem particular é circunscrito por certa quantidade corpórea e para ele a medida é a dimensão da substância que corresponde exatamente à

aparência externa do corpo, assim eu penso que, em um só corpo, esteja contido todo o conjunto (*pleroma*) da humanidade, graças à força da presciência que Deus tem sobre todas as coisas.³⁴ É isto que ensina a Sagrada Escritura quando diz: “Deus fez o homem e à imagem de Deus o fez”.

Todos dela participam

Pois não é em uma parte da natureza que se encontra a imagem, nem tampouco a beleza reside em uma qualidade particular de um ser, mas é sobre todo o gênero que se estende igualmente esta propriedade da imagem. Sinal disto é que em todos ao mesmo tempo reside a inteligência e todos possuem a capacidade de pensar e de deliberar e todas as outras atividades através das quais a natureza divina é representada naquele que é à sua imagem. Não há diferença entre o homem que apareceu por ocasião do primeiro estabelecimento do mundo e aquele que nascerá por ocasião da consumação do todo: todos trazem em si a imagem divina.

Imagem única

Por essa razão, um só homem teve o nome [do conjunto da humanidade] porque, pela potência de Deus, não há nem passado ou futuro, mas o que deve suceder como o que passou é particularmente submetido à sua atividade que abarca o todo. Toda a natureza, portanto, que se estende do início ao fim constitui uma imagem única d'Aquele que é. A distinção do gênero humano em macho e fêmea foi acrescentada, por causa do que direi, no fim, ao homem já criado.

CAPÍTULO XVII

O que se deve responder àqueles que levantam a questão: se a procriação é a causa do pecado, como teriam vindo à existência os homens se os primeiros tivessem permanecido sem pecado?

Antes de explorar aquilo que nos propomos, é melhor procurar a solução proposta pelos adversários. Dizem, de fato, que, antes do pecado, a narração não fala nem de parto, nem das dores que o acompanham, nem do instinto de procriação. Quando Deus expulsa Adão e Eva do paraíso depois do pecado e que a mulher é condenada às dores do parto, então Adão chegou a conhecer sua companheira segundo as núpcias e teve início a procriação. Se, portanto, no paraíso não havia nem núpcias, nem dor, nem parto, dizem ser necessário concluir que a multiplicação das almas humanas não se teria gerado, se o dom da imortalidade não se tivesse transformado em mortalidade e se as núpcias, graças aos nascimentos, não tivessem preservado a natureza, conduzindo à vida novos seres no lugar dos defuntos. Até que de certo modo o pecado que se introduz na vida dos homens teve sua utilidade: sem ele, a raça humana teria permanecido, de fato, na díade dos progenitores, visto que o temor da morte não teria estado aí para impelir a natureza à reprodução.

Ressurreição: retorno ao estado primitivo

Acerca dessas coisas, uma vez mais, a verdade, qualquer que seja ela, não poderia aparecer em sua evidência senão aos iniciados, como Paulo, nos mistérios indizíveis do paraíso. Para nós, eis a nossa opinião: um dia onde os saduceus faziam objeção à doutrina da ressurreição e, onde, para confirmar sua tese, apresentavam o caso da mulher casada sucessivamente com sete irmãos, perguntando a quem depois da ressurreição ela pertenceria, o Senhor, não somente para instruir os saduceus, mas também para tornar claro a todos o mistério da vida na ressurreição, disse: “Na ressurreição, nem os homens nem as mulheres se casarão; pois eles não podem mais morrer; são semelhantes aos anjos e filhos de Deus,

sendo filhos da Ressurreição”.³⁵ A graça da ressurreição não nos é apresentada de outro modo senão com o restabelecimento ao estado primitivo daqueles que morreram. Com efeito, a graça que aguardamos é o retorno à primeira vida, que reconduz ao paraíso quem dele tinha sido expulso.

Primeiro estado: angélico

Se, portanto, a vida daqueles que foram restaurados no estado primitivo é semelhante àquela dos anjos, é claro que a vida antes da queda era alguma coisa de angélico: por isso, o nosso retorno ao estado primitivo nos torna semelhantes aos anjos. Ora, como se sabe, ainda que o casamento não exista neles, as cortes dos anjos constituem miríades infinitas. Assim, de fato, nas suas visões, descreveu Daniel. Portanto, como eles, se o pecado não nos tivesse transformado e feito decair do estado igualmente em que estávamos com eles, não teríamos tido necessidade de casamento para nos multiplicar.

Multiplicação dos anjos

O modo de multiplicação da natureza angélica pode ser indizível e incognoscível para as conjecturas humanas, exceto o fato de que [este modo] existe. Este modo de multiplicação teria sido também o dos homens, cuja natureza é tão próxima daquela dos anjos e teria conduzido a humanidade até o termo fixado pela vontade de seu Criador. E se alguém se encontra em situação embaraçosa em conceber este modo de geração para a humanidade, no caso em que ela não teria necessidade do concurso do casamento, nós interrogaríamos, por nossa vez, acerca do modo da subsistência angélica, como os anjos, sendo miríades infinitas, sejam uma única essência e, ao mesmo tempo, possam ser inumeráveis. Àquele, portanto, que coloca antecipadamente a impossibilidade para o homem de existir sem o casamento, responderemos: o homem existiria sem o casamento como os próprios anjos, visto que nossa semelhança com os anjos antes da queda nos é provada pelo restabelecimento das coisas ao seu estado primitivo.

Razão da criação segundo o sexo

Agora que devemos elucidar esta questão, retornemos ao discurso precedente: como, depois da criação da imagem, Deus modelou em sua obra a divisão em macho e fêmea? Para responder a esta questão, nossas precedentes considerações serão úteis. Aquele que conduz todas as coisas ao ser e que, em sua própria vontade, forma todo o homem segundo a imagem divina, repugna em ver constituir-se a plenitude numérica das almas humanas pelas contribuições sucessivas das gerações; mas claramente tendo pensado, em sua plenitude, toda a natureza humana através da atividade de presciência e tendo-a ornada com uma condição elevada e angélica, uma vez que prevê com a potência de visão que a liberdade de escolha não teria avançado pelo caminho reto em direção ao bem, mas teria decaído da vida angélica, a fim de não mutilar o número total das almas humanas que perderam o modo de crescimento da espécie angélica, Deus, por esses motivos, dispôs para a nossa natureza um meio mais adaptado para aqueles que escorregaram no pecado: no lugar da nobreza angélica, inseriu na humanidade um modo de geração próprio das feras e dos seres irracionais. Daí por que sem dúvida o grande Davi, compadecendo-se da miséria humana, chora sobre nós nesses termos: “o homem, existindo em dignidade, não compreendeu”,³⁶ – em dignidade, isto é, em um estado semelhante aos dos anjos; por essa razão, continua, foi comparado às feras e tornado semelhante a elas. É tornado realmente bestial aquele que recebeu na natureza esta geração por causa da inclinação para a matéria.

irracional

Origem das “paixões” (pathē)

Creio que dessa origem, como que jorrando de uma fonte, se tenha unido toda paixão à vida humana.³⁷ A prova disto é a comunidade das paixões que se manifestam do mesmo modo em nós e nos seres irracionais. Não é lícito atribuir à natureza humana, que traz os traços da forma mesma de Deus, as origens da disposição passional. Mas como os animais vieram ao mundo antes do homem e que, pela razão dita acima, eles têm alguma coisa em comum com aquela natureza, a saber: o que concerne à geração, o homem tem também em comum com eles suas particularidades. A cólera não pode ser um ponto de semelhança entre Deus e o homem; nem através do prazer se caracteriza a nossa natureza superior e o medo, a coragem, o desejo dos bens maiores, o ódio de toda condição inferior e todas as outras coisas deste gênero não são absolutamente notas que convêm à Divindade. Essas coisas, portanto, a nossa natureza humana as tira da própria natureza irracional. Todas as proteções que servem para a conservação da vida animal, passadas à vida humana, se tornam paixões. Assim, com a coragem, de fato, os carnívoros se preservam [na vida], o amor do prazer salva os mais fecundos, a timidez protege aqueles que não têm forças, e o medo, aqueles que são presas fáceis dos mais fortes, e a voracidade protege os animais que estão em grande bom estado. E, quando eles não podem contentar seus prazeres, os animais conhecem também a dor. Na constituição do homem, todas essas disposições e outras semelhantes se introduziram através da geração animal.

Seja-me concedido fazer uma comparação entre a imagem humana e uma dessas curiosas criações dos escultores. Da mesma maneira que, em certas modelagens, vê-se esculpida uma dupla forma, que os artistas imaginaram para o estupor dos passantes, representando em uma só cabeça duas faces de aspecto diferente, assim também, parece-me, que o homem traz a semelhança de dois objetos opostos: por sua mente deiforme, ele traz os traços da beleza de Deus; pelos signos das paixões que estão nele, a semelhança com as feras.

Vida humana nessas “paixões”: sua proliferação

Frequentemente também seu raciocínio se embrutece por sua inclinação e seu comportamento animais, recobrando a nossa parte melhor com a pior. Com efeito, quando alguém arrasta esta atividade de pensamento para essas coisas e força o raciocínio a tornar-se servo das paixões, produz-se uma reviravolta da marca de Deus³⁸ em nós em direção à imagem irracional; toda a nossa natureza se transforma segundo esta [parte], como se nosso raciocínio não cultivasse mais senão os princípios das paixões e os fizesse proliferar abundantemente. Tendo dado a sua cooperação às paixões [o raciocínio], produz uma geração densa de absurdos. Assim o amor do prazer tem o seu princípio na semelhança com os seres irracionais, mas nos erros dos homens gera tais variedades de pecados de prazer que não é possível encontrar nos seres irracionais. Assim a excitação à cólera é própria dos seres irracionais, mas em nós ela se desenvolve pela ajuda que lhe trazem nossos raciocínios. Daí, de fato, surgem o ressentimento, a inveja, a mentira, a hipocrisia. Todos esses sentimentos são fruto do mau cultivo da inteligência. Se, de fato, esses movimentos são privados da ajuda de nossos raciocínios, a cólera nem tem duração nem vigor e torna-se semelhante a uma bolha de água e logo desaparece. Assim a glotonaria nos porcos torna-se [no homem] avareza e o ser elevado do cavalo torna-se princípio de soberba. Todos os instintos que vêm cada um da natureza irracional das feras, em nós são transformados em vícios pelo mau uso da inteligência. Sucede também o inverso se o raciocínio impõe a sua força a esses movimentos: cada um desses se transforma na forma da virtude. A cólera se transforma em fortaleza; a timidez, em prudência; o temor, em obediência; e o ódio se torna a

aversão da maldade, a força do amor gera o desejo do belo. Um temperamento elevado se coloca acima das paixões e guarda sua alma da servidão do mal. O grande Apóstolo louva também esta espécie de soerguimento [da vida], quando nos convida sem cessar a ter pensamentos elevados. E assim é possível compreender como todo este movimento da alma dirigido para o alto pela atividade superior do pensamento se torna conforme à imagem divina.

Imagem obscurecida

Mas quando a balança do pecado é pesada e inclinada ao mal, o mais frequentemente sucede o contrário; a parte superior de nossa alma é mais inclinada a ser arrastada para baixo pelo peso da natureza irracional do que o peso e o elemento terrestre a serem elevados pela eminência do intelecto (grego, 193); por isso frequentemente a nossa miséria faz desconhecer o dom divino e, como uma horrível máscara, a paixão da carne recobre a beleza da imagem. Portanto, são desculpáveis aqueles que, voltando-se a considerar esses casos, criam dificuldade em admitir que [no homem] haja a forma divina.

Mas graças àqueles que reergueram a sua vida, é possível ver nos homens a imagem divina. Se, de fato, uma vida toda dedicada às paixões e à carne nos dissuade em admitir no homem o ornamento da beleza de Deus, aquele que é excelso na virtude e puro de contaminações consolidará em nós o melhor conceito sobre os homens. É melhor mostrar o nosso raciocínio com um exemplo: a contaminação do pecado apagou a beleza de sua natureza em certos homens, cujos vícios são conhecidos, como Jeconias ou qualquer outro célebre por seus vícios; mas em Moisés e naqueles que se lhe assemelham foi conservada pura a forma da imagem. E a visão daqueles em que a imagem não foi obscurecida é tornada evidente a fé daqueles que afirmam que o homem nasceu imagem de Deus. Mas alguém talvez se envergonhe da necessidade de sustentar a vida com a comida à semelhança dos animais e, por isso, conclui que é indigno pensar que o homem tenha sido criado à imagem de Deus. Este espere que a isenção deste encargo será dada à nossa natureza na vida que esperamos. Não é, de fato, como diz o Apóstolo, “o reino de Deus comer e beber”³⁹ e “nem só de pão vive o homem”, afirma o Senhor, “mas de toda palavra que sai da boca de Deus”.⁴⁰ Mas a ressurreição nos fará ver uma vida semelhante à dos anjos, não havendo comida junto aos anjos; e a fé é capaz de assegurar que o homem será libertado deste encargo, ele que viverá como os anjos.

CAPÍTULO XIX

Contra aqueles que colocam na comida e na bebida a fruição dos bens esperados, sob o pretexto de que a Escritura faz consistir neles a vida original no Paraíso

Mas talvez alguém diga que o homem não retornará ao mesmo modo de vida de antes, dado que no primeiro estado estávamos na necessidade de comer, ao passo que, depois da ressurreição, seremos libertados deste encargo. Mas, ouvindo a Escritura, eu não posso admitir que se tratasse de alimento corporal, nem de prazer através da carne, mas de algum outro alimento, apresentando uma analogia com o prazer do corpo, mas cuja fruição se dirige somente à alma. “Comei o meu pão”, ordena a Sabedoria àqueles que têm fome deste alimento; e o Senhor beatifica aqueles que têm sede, diz ele: “Que ele venha a mim e beba”.⁴¹ E o grande Isaías: “Bebei a alegria”, ordena àqueles que são capazes de compreender a sua magnífica doutrina. Há também uma ameaça profética contra aqueles que são dignos de castigo e que serão punidos com a fome: a fome não é aqui uma falta de pão ou de água, mas falta de Palavra. Não fome de pão, ou sede de água, mas fome de ouvir a Palavra do Senhor.

Quando, portanto, se fala da plantação de Deus no Éden (*éden* significa alegria), é preciso pensar em um fruto digno e não hesitar em dele fazer alimento do homem, nem pensar para esta vida no Paraíso em um alimento absolutamente fugaz e passageiro. “Vós comereis, diz

Deus, de todas as árvores que estão no Paraíso”.⁴² Quem dará àquele que tem fome aquela árvore salutar que está no Paraíso, que abarca todos os bens e que é designada pelo termo “tudo” e do qual a Escritura concede ao homem a participação? Neste termo que designa um conjunto e se eleva acima de tudo, está contido naturalmente a ideia de todos os bens e por uma só árvore é significado o todo. Quem, ao contrário, me afastará de degustar esta árvore promíscua e ambígua? Não é de todo obscuro para aqueles que veem de perto qual é este “todo”, cujo fruto é a vida e também qual é a árvore com fruto promíscuo, cujo termo é a morte. Aquele de fato que, sem inveja, concedeu ao homem a fruição de tudo, com uma palavra e um conselho afastou o homem da participação nesses bens promíscuos. Para interpretar esta palavra, os melhores mestres me parecem ser o grande Davi e o sábio Salomão. Todos os dois julgam que a graça única do benefício que nos foi concedido é o verdadeiro Bem, que é precisamente “todo bem”. Davi disse: “Põe teu prazer no Senhor”⁴³ e Salomão chama “árvore de vida”⁴⁴ a mesma Sabedoria que é o Senhor.

Portanto, a expressão “toda árvore” designa a mesma coisa que a árvore de vida, a qual a Escritura deu como alimento àquele que foi modelado segundo Deus. Uma outra árvore é inteiramente distinguida desta: é aquela cuja mastigação coloca em nós o conhecimento do bem e do mal; esta outra árvore produz não um e outro de seus opostos, mas faz florescer um fruto misturado composto de qualidades contrárias. O mestre da vida nos impede de comê-lo; a serpente aconselha, a fim de dar assim uma entrada à morte. E seu conselho é persuasivo, pois ela orna o fruto de belas cores, para que apareça agradável e excite o desejo do gosto.

CAPÍTULO XX

A vida no Paraíso e a árvore proibida

A origem do mal: definição dos termos

Qual é esta árvore que misturou em si o conhecimento do bem e do mal, cheia de prazeres para as sensações? Eu creio não me afastar da verdade, partindo, sobre esta questão, de um ponto evidente. Na minha opinião, de fato, neste lugar da Escritura, “conhecimento” não equivale a “ciência” e, segundo o uso escriturístico, eu encontro uma diferença entre “conhecimento” e “discernimento”. Com efeito, o discernir com ciência o bem do mal pertence ao hábito mais perfeito, como diz o Apóstolo, e à sensibilidade exercitada.⁴⁵ Assim ele dá o conselho de julgar tudo e diz ser o discernimento próprio do homem espiritual.⁴⁶ O termo “conhecimento” não significa de maneira absoluta ciência e inteligência, mas uma disposição interior diante do que nos é agradável. Assim “o Senhor conheceu aqueles que lhe pertencem”.⁴⁷ E o diz a Moisés: “Eu te conheci de preferência aos outros”.⁴⁸ Àqueles que são condenados, diz Aquele que sabe tudo: “Jamais eu vos conheci”.⁴⁹

Natureza do mal: uma mistura

Portanto, a árvore que produz este conhecimento misturado está entre as coisas proibidas. Uma mistura de elementos opostos compõe este fruto, do qual a serpente é a defensora. Talvez a razão disso seja que o mal não se apresenta nunca em sua nudez, tal como é em si mesmo. De fato, o vício seria sem eficácia prática se não fosse colorido de alguma beleza que excita o seu desejo. Ora, a natureza do mal é uma forma de mistura: em suas profundezas, ele tem a morte como armadilha escondida; mas por uma aparência enganosa, ele faz aparecer uma imagem do bem: a bela coloração da matéria parece um bem para os amantes do dinheiro, mas a avareza é a raiz de todos os males. Escorregaria alguém na imundície repugnante da intemperança, se não julgasse belo e desejável o prazer aquele que é atraído para baixo em direção às paixões? Assim outros pecados: sua ação corruptora está escondida; mas no início parecem desejáveis e são procurados como um bem por engano por

aqueles que não observam atentamente. Uma vez que muitos colocam o belo naquilo que gratifica as sensações e julgam que o mesmo nome designa o belo real e o belo aparente, o desejo que se direciona para o mal como se fosse o bem é chamado pela Sagrada Escritura o “conhecimento do bem e do mal”, interpretando este conhecimento como uma disposição interior a esta mistura.

Nem um mal absoluto, visto que, circundado pelo belo, nem um bem puro visto que esconde o mal, mas uma certa mistura de um e de outro, dizem ser o fruto da árvore proibida, cuja prova conduz à morte aqueles que dele se servem, claramente proclamando que o bem real é simples e único por natureza, estranho à união com o contrário. O mal é multiforme e se apresenta de tal sorte que é tido por uma coisa e através da experiência se revela uma outra coisa. O seu conhecimento, isto é, o contato com ele na experiência, é o fundamento da morte e da corrupção.

Por essa razão, a serpente coloca antes o fruto mal do pecado não mostrando com clareza o mal tal como é por natureza; o homem, de fato, não teria sido enganado pelo mal manifesto,⁵⁰ mas o demônio, fazendo brilhar a graça exterior das aparências e, acrescentando ao nosso gosto algum prazer sensível, aparece à mulher como diz a Escritura: “E a mulher viu que o fruto era bom para comer e agradável de ver e, tendo tomado o fruto, ela o comeu”.⁵¹ Este alimento torna-se para os homens a mãe da morte.

Esta é, portanto, a mistura dos frutos, claramente indicando a Escritura o sentido segundo o qual esta árvore foi chamada capaz de fazer conhecer o bem e o mal: ela tem a malícia desses venenos que são preparados com o mel: conforme agradam os sentidos, eles parecem bons; conforme fazem perecer aqueles que os tomam, eles são o último dos males.

Quando, portanto, o funesto veneno tinha produzido seus efeitos contra a vida humana, então o homem, cuja criação e nome são repletos de grandeza, esta imagem da natureza divina, tornou-se semelhante, como diz o Profeta, à vaidade.⁵² E assim a imagem não reside senão nas partes mais sublimes de nosso ser; as coisas tristes e dolorosas da vida nada têm a ver com nossa semelhança com o divino.

CAPÍTULO XXI

A esperança da ressurreição se funda mais na necessidade da ordem das coisas do que nas palavras da Escritura

Mas o vício não é tão forte que possa ultrapassar a força do bem, nem a inconstância da nossa natureza é melhor e mais firme que a sabedoria de Deus. De fato, não é possível que aquilo que se move e muda seja mais forte e estável do que Aquele que, estabelecido no bem, é sempre idêntico a si mesmo. Enquanto a vontade divina sempre e em todo lugar tem a imobilidade, a nossa natureza móvel não permanece fixa nem mesmo no mal.

Se é em direção ao bem que o movimento perpétuo arrasta um ser, por causa da infinitude de seu objeto, este movimento não cessará de levá-lo adiante, pois jamais atingirá o limite do objeto que procura e cuja apreensão lhe permitirá deter-se no caminho. Mas se tende ao termo oposto, quando tenha cumprido a marcha no mal e tenha chegado ao seu cume, então o movimento perpétuo do impulso não encontrando nenhuma possibilidade de deter-se por parte da natureza, no fim de todo este percurso no caminho do mal, necessariamente se volta para o movimento em direção ao bem. Pois o vício não pode ir até o ilimitado, mas encerrado em limites necessários, é lógico que o confim do mal tenha atrás a sucessão do bem.

E assim como se disse, a nossa natureza sempre em movimento se volta no final ao bom caminho pela memória das desventuras passadas, que torna sábios para não cair nos mesmos erros. E a nossa marcha retomará no bem, porque a natureza do mal está encerrada dentro de limites necessários. Segundo os estudiosos de fenômenos celestes, todo o cosmo

está repleto de luz e a obscuridade que lança sombra se forma da interposição do corpo terrestre, mas esta, segundo a figura do corpo esférico, é fechada pela parte posterior dos raios do sol em forma de cone. O sol, superando em grandeza várias vezes a terra, a circunda de todas as partes com os seus raios e, no limite do cone, reúne entre si os pontos de encontro da luz. Suponhamos que alguém pudesse transpor o limite da zona escura; ele encontrar-se-ia em uma luz não interrompida pelas trevas. Do mesmo modo, quando tivermos transposto o limite do mal, chegaremos ao cume da sombra formada pelo pecado, novamente estabeleceremos nossa vida na luz, pois a natureza do bem comparada à extensão do mal supera infinitamente todos os limites. De novo, conheceremos o Paraíso, novamente, conheceremos esta árvore, que é a árvore da vida. Novamente, a beleza da imagem e nossa dignidade do início. Não me parece que se trate de nenhuma das coisas que pelas necessidades da vida foram submetidas por Deus aos homens, mas da esperança de um outro reino que a linguagem humana permanece na impossibilidade de descrever.

CAPÍTULO XXII

Contra aqueles que objetam: se a ressurreição é uma coisa boa e bela, por que não acontece agora, mas é esperada após a revolução dos tempos?⁵³

Retomemos agora a concatenação lógica das coisas que estamos procurando. Talvez alguém, a quem a doçura de nossa esperança deu asas, encontrará grave e penoso não obter mais cedo esses bens que estão acima da sensação e do conhecimento humano e mal suportará o lapso de tempo intermediário que o separa do desejo. Não se angustie este como as crianças que mal suportam uma pequena dilação do prazer. Uma vez que a inteligência e a sabedoria regem tudo, é necessário pensar que nenhum acontecimento particular lhes escapa.

Vós me perguntareis a razão pela qual esta existência dolorosa não se transforma imediatamente naquela que desejamos, mas porque ela se prolonga nesta vida enfadonha e corpórea até tempos fixados e aguarda o termo do cumprimento universal, para que, naquele momento, como que libertada de um freio, a vida do homem, novamente tranquila e livre, retorne à vida impassível.

Mas se é conforme a verdade o discurso sobre as coisas que são procuradas, somente a Verdade o conhece com clareza. Retomo o que disse no início: “Façamos o homem”, diz Deus, “à nossa imagem e semelhança. E Deus fez o homem, à imagem de Deus, ele o fez”. A imagem de Deus, portanto, que se vê em toda a natureza humana atingiu aqui sua perfeição. Adão ainda não existia: formado da terra, segundo a expressão etimológica como dizem aqueles que conhecem a língua hebraica. Por essa razão, o Apóstolo bem instruído na língua pátria dos israelitas chama o homem, feito da terra “o terreno”, traduzindo o nome de Adão na língua grega.⁵⁴ Portanto, o homem foi feito segundo a imagem, isto é, a natureza universal, a criatura semelhante a Deus. A onipotente sabedoria não produziu uma parte somente deste todo, mas em bloco toda a plenitude de nossa natureza. Ele bem o sabia, aquele que tem em suas mãos os limites de todas as coisas, como diz a Escritura: “Em sua mão estão os confins da terra”;⁵⁵ o sabia Aquele que conhece cada ser antes de sua aparição, e mantinha em seu pensamento o nome exato de todos os indivíduos que compõem a humanidade.

Como Deus viu na criatura que somos nós a inclinação para o mal e viu que voluntariamente nos afastamos da semelhança com os anjos, que nós procuraríamos nos unir com os seres inferiores, por esta razão ele misturou à sua própria imagem alguma coisa de irracional. Não está, de fato, na natureza divina a diferença entre macho e fêmea. Deus, tendo participado ao homem aquilo que é próprio da natureza irracional, não concede ao nosso gênero o modo de propagação segundo a grandeza de nossa criação. Não é, de fato, quando o fez segundo à imagem que Deus comunicou ao homem a força de crescer e multiplicar-se,

mas quando dividiu o homem em macho e fêmea, então disse: “Crescei-vos e multiplicai-vos sobre a terra”:⁵⁶ uma semelhante coisa, de fato, não é própria da natureza divina, mas da natureza animal, como deixa entender a narração que afirma que antes essas palavras foram pronunciadas por Deus para os seres sem razão. Pois se, antes da divisão em macho e fêmea, tinha sido pronunciado essas palavras para dar ao homem o poder de multiplicar-se, não teríamos necessidade deste modo de geração através do qual se geram os seres sem razão. Tendo sido premeditada através da atividade, prognostica a plenitude dos homens e que esta plenitude devia se realizar por este gênero de nascimento animal, Deus, cujo governo ordena e delimita exatamente todas as coisas, visto que este modo de geração foi tornado necessário para nós por este escorregar da nossa natureza para as situações inferiores, que tinha previsto antes que acontecesse, Deus que vê tanto o futuro como o presente, estabeleceu antecipadamente o tempo necessário para a constituição da humanidade, de sorte que a vinda das almas em seu número fixo regre a extensão do tempo e que o movimento do tempo cesse, quando não for mais útil à geração da raça humana.

O fim dos tempos

Com o cumprimento do gênero humano, o tempo cessará definitivamente e então todas as coisas retornarão aos seus elementos primitivos, e será transformada também a humanidade e, de seu estado perecível e terrestre, passará a um estado impassível e eterno. É o que o divino Apóstolo me parece ter pensado na carta aos Coríntios, quando prediz a imobilidade (*stasin*) do tempo e renovação de tudo o que é submetido ao movimento: “Eu vos anuncio um mistério: nem todos de fato dormiremos na morte, mas todos nós seremos transformados, em um instante indivisível, em um piscar de olhos, ao som da última trombeta”:⁵⁷ De fato, como creio, quando a plenitude da humanidade chegar ao seu termo segundo a medida prevista, para que não venha nada a faltar ao número das almas para o crescimento, em um instante de tempo, ensina o Apóstolo, acontecerá a transformação dos seres, chamando instante indivisível e piscar de olhos este confim do tempo sem partes e sem extensão. Assim também aquele chegou a este fim e cume do tempo, depois do qual não há mais divisão temporal, não pode obter esta revolução transformante através da morte senão somente quando tenha ressoado a trombeta da ressurreição, que deve despertar os mortos e conduzir à imortalidade aqueles que permanecerão em vida; estes se tornarão semelhantes aos outros, transformados pela ressurreição, a ponto de não serem mais arrastados para baixo pelo peso de sua carne e tampouco serem lançados contra a terra pela sua massa, mas de viverem nos espaços celestes. “Nós seremos arrebatados, diz o Apóstolo, nas nuvens, ao encontro do Senhor, nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.”⁵⁸ Suportemos, portanto, o tempo que se estende necessariamente com o desenvolvimento da humanidade.

A espera de Abraão, dos Patriarcas, de Davi

Todos os Patriarcas ao redor de Abraão tiveram o desejo de ver a bem-aventurança e eles não cessaram de esperar a pátria celeste, como diz o Apóstolo. Entretanto, eles permaneceram ainda na esperança deste dom, ao passo que Deus dispõe as coisas para o nosso bem, segundo a palavra do Apóstolo, a fim de que não cheguem ao termo sem nós. Se, portanto, aqueles que vêm de longe suportam esta dilação vendo os bens pela única fé e esperança e acolhendo-os com amor, como testemunha o Apóstolo, fundando a segurança da fruição das coisas esperadas sobre a fé da promessa, que devem fazer muitos dentre nós aos quais a esperança desses bens superiores não deriva das situações vividas? A alma do profeta desfalecia de desejo e ele confessa nos Salmos esta paixão amorosa dizendo que a sua alma desejava e falhava em estar na Casa do Senhor, mesmo se devêssemos colocá-lo

no último lugar. Pois ele preferia sem comparação ser aí o último do que ser o primeiro sob as tendas daqueles que passam suas vidas no pecado. E assim ele suportava bem esta espera proclamando bem-aventurado aquele modo de viver e julgando a participação na brevidade mais digna do que milhares de anos sobre a terra: “Um dia somente em vossos átrios vale mais do que milhares de anos”.⁵⁹ Não se angustiava pelo governo necessário dos seres e julgava suficiente à bem-aventurança dos homens a posse dos bens através da esperança. E, por essa razão, no fim de seu Salmo, ele diz: “Senhor, Deus das potências, bem-aventurado o homem que espera em Vós”.⁶⁰ Nós, portanto, não devemos tampouco fechar nossos corações, se a realização de nossas esperanças tarda um pouco; devemos, antes, colocar toda a nossa solicitude para não sermos delas excluídos.

Como se alguém predissesse a um inexperiente que no tempo do verão haverá a colheita dos frutos e que também os celeiros estarão cheios e a mesa estará carregada de coisas para comer, seria louco quem desejasse vivamente apressar o tempo, quando é preciso primeiramente espalhar as sementes e com diligência preparar os frutos para si mesmo. No momento oportuno, queiramos ou não, exatamente segundo a ordem das coisas, virá o tempo fixado. Não o verá igualmente aquele que por seus cuidados tiver preparado para ele a colheita e aquele que em relação à estação dos frutos tiver permanecido sem prepará-la. Do mesmo modo, creio que deva ser claro a todos pelo anúncio divino que virá o momento da transformação, mas não devemos investigar inoportunamente (“não cabe a nós, diz a Escritura, conhecer o momento e o tempo”, nem procurar os raciocínios pelos quais se debilita a alma na esperança da ressurreição: mas, apoiados solidamente nas coisas que esperamos, é preciso assegurar-nos antecipadamente a graça que deve vir pela excelência de nossa vida).

CAPÍTULO XXIII

Se o universo teve um início, é necessário também reconhecer o seu fim

Ora se alguém, considerando o movimento do cosmo avançado segundo uma certa ordem através da qual se vê a distensão temporal, julga não poder admitir a cessação das coisas em movimento, este evidentemente não acreditará que, no princípio, o céu e a terra foram criados por Deus. Aquele que reconhece a origem do movimento não tem dúvida sobre o seu fim; aquele que não admite o fim não admite tampouco a origem; mas como nós pensamos que os séculos foram fundados pela Palavra de Deus, acreditando, como diz o Apóstolo, que as coisas visíveis procedem daquelas que não se mostram, com a mesma fé acreditamos na Palavra de Deus que nos prediz a cessação necessária dos seres. A questão do “como” é preciso rejeitá-la de nossa curiosidade: sobre este ponto ainda, recebemos com fé que o mundo visível tem sua perfeição em um mundo que não é ainda manifestado e deixamos de lado a indagação das coisas que não podemos compreender.

Sobre mais de um ponto, porém, podemos estar em dificuldades e aí encontrar ocasião de dúvidas sérias sobre nossa fé; aos amantes das controvérsias seria possível, segundo uma concatenação lógica, partindo de um bom raciocínio, tentar subverter não acreditando como verdadeira a doutrina da Escritura sobre a criação material, que ensina a origem de todas as coisas em Deus.

Aqueles que se apoiam na doutrina contrária se esforçam por estabelecer que a natureza é coeterna com Deus, servindo-se desses argumentos em favor de sua opinião: de um lado, a natureza de Deus é simples, sem matéria, grandeza ou composição; ela não conhece nenhuma delimitação exterior; de outro lado, toda matéria se define por sua extensão no espaço e é submetida à percepção sensível, visto que ela se faz conhecer a nós pela cor, pela figura, pelo peso, pela quantidade, pela resistência e por todas as outras qualidades das quais não se pode absolutamente admitir a existência na natureza divina. Como se pode imaginar

que a matéria derive do ser imaterial e daquilo que não tem distensão a natureza que se distende? Se se acredita que a matéria extrai de Deus sua origem, é preciso admitir que, de um modo inefável, ela está em Deus, donde viria também à existência. Mas se a matéria está em Deus, como é sem matéria Aquele que tem a matéria em si? Do mesmo modo é preciso dizer de todas as outras características da natureza material: se em Deus há quantidade, como Deus pode ser sem quantidade? Como será sem partes e sem composição? Assim deve-se concluir: ou Deus é necessariamente material, visto que a matéria extrai dele sua origem, ou, se desejamos evitar esta consequência, é preciso supor que tome fora dele a matéria da qual ele tem necessidade para a formação do universo. Em consequência, se a matéria estava fora de Deus, será preciso absolutamente admitir um princípio diferente dele, que lhe seja coeterno e não tenha origem.

Assim juntos se constituem dois princípios sem geração e sem origens: aquele que opera como artífice e aquele que tem necessidade desta atividade científica. Tal teoria que admite como uma necessidade a coexistência eterna de Deus e da matéria é uma aprovação dada às opiniões dos Maniqueus que colocam no mesmo plano, como incriadas uma e outra, a causa material e a natureza.⁶¹

Mas acreditamos que todas as coisas procedem de Deus, ouvindo a Escritura, que o diz. Quanto ao como tudo estava em Deus, nós não ousamos procurar aquilo que está acima das nossas possibilidades de raciocínio. Acreditamos que todas as coisas sejam possíveis à potência divina: conduzir ao ser aquilo que não é e dar ao que é as qualidades que lhe convêm.

Donde segue logicamente: se para passar as coisas do nada ao ser, a potência da vontade divina é suficiente, do mesmo modo, quando fazemos referência à mesma potência para esta restauração universal das coisas, nada admitiremos fora da verossimilhança. Entretanto, creio ser possível persuadir com algumas razões aqueles que nos trazem objeções sutis sobre a matéria: assim não pareceremos, por falta de argumentos, passar à margem da discussão.

CAPÍTULO XXIV

Refutação daqueles que dizem ser a matéria coeterna com Deus

Não classificaremos entre as opiniões indemonstráveis nossa opinião sobre a matéria, que faz depender a existência do Ser inteligível e sem matéria: de fato, descobriremos que toda a matéria é constituída de algumas qualidades, das quais não podemos despojá-la uma a uma sem torná-la incompreensível à razão. Mas cada espécie de qualidade pode ser mentalmente isolada do substrato onde ela se encontra. Ora, a razão é uma atividade inteligível e não corpórea. Assim tomemos um animal ou uma planta ou qualquer outro objeto que tenha uma constituição material: muitas coisas daquele sujeito nós pensamos por divisão na mente, mas o discurso sobre elas não é misto em razão de ser considerado ao mesmo tempo. Assim, uma coisa é o discurso sobre a cor e outra, sobre o peso ou ainda sobre a quantidade e sobre a qualidade própria do tato. A maleabilidade de um corpo, sua dupla espessura, suas outras qualidades não se confundem, em nosso discurso, nem entre si nem com o corpo em questão. Para cada uma delas, encontramos uma definição própria que a significa e que nada tem em comum com as outras qualidades que consideramos no substrato. Se, portanto, a cor é um objeto inteligível e do mesmo modo a resistência, a quantidade e todas as outras propriedades dos corpos, e se, ao mesmo tempo, quando se subtrai do substrato cada uma dessas qualidades, toda ideia do corpo é dissolvida; seria lógico julgar que a reunião dessas qualidades, cuja ausência nós achamos ser causa da dissolução do corpo, produza a natureza material.

Como não há corpo, sem que haja, ao mesmo tempo, cor, forma, resistência, distensão, peso e todas as outras qualidades (cada uma das quais não é um corpo, mas se revelou

alguma outra coisa, segundo uma característica particular), assim, inversamente, sua reunião dá existência aos corpos.

Mas se a cognição dessas propriedades é inteligível e se a Divindade é também por natureza substância inteligível, não é inverossímil supor que esses princípios inteligíveis para a produção dos corpos tenham sua existência de uma natureza incorpórea: a natureza inteligível dá existência a forças espirituais e a reunião destas dá nascimento à natureza material.

Mas essas considerações estão fora de nosso assunto. Devemos conduzir o discurso para a fé, pela qual aceitamos que o universo foi feito a partir do não-ser, e não duvidamos, quando fomos instruídos pela Escritura, de que ainda deverá ser transformado em um novo estado.

CAPÍTULO XXV

Como um pagão pode ser levado a crer no que ensina a Escritura sobre a ressurreição *O Evangelho funda a fé na Ressurreição*

Alguém, vendo a corrupção dos corpos e julgando a Divindade segundo a medida de suas próprias forças, sustente talvez a impossibilidade de nosso discurso sobre a ressurreição, sob o pretexto de que não pode admitir a imobilidade dos seres submetidos ao movimento e o retorno à vida dos seres que agora não estão em movimento. Este adversário encontrará primeiramente uma excelente prova da verdade da ressurreição, examinando quão é digna de fé o anúncio que dela é feito: em particular, ele fundamentará seu assentimento na realização atual de profecias feitas no passado. Com efeito, no número e na diversidade de passagens da Escritura, é possível perguntar se o conjunto das predições que aí se encontram haja mentira ou verdade e fazer daí uma ideia sobre a doutrina da ressurreição. Se em outras circunstâncias os discursos são falsos e se afastam com evidência da verdade, a profecia sobre a ressurreição também será falsa. Se, ao contrário, os fatos confirmam a verdade de todo o resto, será lógico disso concluir a exatidão das profecias sobre a ressurreição. Lembremos, portanto, uma ou duas dessas profecias e confrontemos o evento com as profecias, a fim de conhecer com isso a verdade da Palavra divina.

O escopo procurado pelo Cristo em suas predições

Quem não conhece como prosperou na antiguidade o povo de Israel que se eleva sobre todos os povos da terra? Quão notáveis eram os palácios de Jerusalém, suas muralhas, suas torres, a grandeza do Templo? Essas coisas pareciam aos discípulos do Senhor dignas de maravilha; eles as julgavam dignas que o Senhor as contemplasse em atitude de estupor, como a narração do Evangelho mostra, quando os discípulos dizem-lhe: “Que grandes obras? Que construções!”.⁶² Mas ele lhes faz entrever o deserto que virá naquele lugar e o desaparecimento dessas belezas, enquanto eles contemplam maravilhados no presente, dizendo que não muito tempo depois nada subsistirá do que eles veem. No momento de sua Paixão também, às mulheres que o acompanhavam gemendo pela sua condenação injusta, sem ver o verdadeiro sentido dos acontecimentos, Cristo aconselha calar-se sobre seus infortúnios, que não merecem lágrimas, e conservar seus gemidos e suas lamentações para o verdadeiro dia das lágrimas, quando a cidade for sitiada e as paixões chegarem a tal ponto de angústia de modo a julgar bem-aventurada aquela que não tivesse gerado.⁶³ Nessas palavras, denunciava também o crime dessas mães que comerão seus filhos, enquanto ele proclama bem-aventurado o ventre que naqueles dias permanecer estéril.

Onde estão agora esses palácios? Onde está o Templo? Onde estão suas muralhas? Onde estão as defesas das torres? Onde está a dinastia dos israelitas? Eles não foram dispersos por quase toda a terra e a ruína de seus palácios não acompanhou sua queda? Parece-me que o Senhor não fez essas predições em vista dos próprios fatos: que vantagem tinha nisso para os

ouvintes em aprender antecipadamente eventos certos? Eles os teriam conhecido por experiência, mesmo sem nada tê-los aprendido antes. Cristo procurava levá-los logicamente à fé nos acontecimentos mais importantes. O testemunho dessas coisas através das obras é a prova de que essas eram verdadeiras.

Pedagogia do Cristo: gradação nos milagres

Se um agricultor explica a força vital escondida em uma semente e se o homem a quem ele fala, ignorando a agricultura, não acredita em sua palavra, basta ao camponês, para a demonstração da verdade, mostrar a potência de uma só das sementes contidas em um “medimno” e garantir todo o resto. Quando se viu um só grão de trigo ou de cevada ou outro grão contido em um “medimno” tornar-se uma espiga, depois de lançada na terra, não se pode mais duvidar de um nem tampouco dos demais. Assim parece-me suficiente para o testemunho do mistério da ressurreição o ter conhecido a verdade das coisas já ditas. Ainda mais: da ressurreição temos experiência porque acerca dela fomos instruídos com as obras e não tanto com os discursos.

Visto que, de fato, grande e inacreditável era a maravilha da ressurreição, Cristo começa por milagres menos extraordinários e habitua docemente nossa fé às coisas maiores. Como uma mãe nutre convenientemente o filho e antes coloca na tenra boca o leite de seu seio; em seguida, quando a criança já é crescida e munida de dentes, apresenta-lhe o pão, mas não duro e indigerível para não danificá-los com a dureza as gengivas delicadas e não exercitadas, e mordendo-o com os próprios dentes o torna de justa medida e adaptado à força daquele que o recebe; enfim, quando a força o permite, conduz docemente a criança, até então a alimentos delicados, a um alimento mais forte. Assim o Senhor alimentando com os milagres a pequenez da alma humana, como a uma criança ainda imperfeita, nos dá primeiramente uma ideia da potência que tem para nos ressuscitar pela cura de um mal incurável: esta ação é grande, mas não tal que não possamos nela acreditar.

A sogra de Simão

Ele ordena à forte febre que queimava a sogra de Simão, e o mal desaparece, se bem que aquele da qual se esperava a morte tem a força para servir os presentes.⁶⁴

O filho de um oficial de Cafarnaum

Em seguida, ele manifesta um pouco mais sua potência, devolvendo à vida o filho de um oficial que jazia em iminente perigo (diz a narração que estava a ponto de morrer e que o pai gritava: “venha antes que o meu filhinho morra”)⁶⁵ e opera a ressurreição daquele que se acreditava estar morto, realizando o milagre com maior potência porque de longe, de fato, não estava presente no local onde tinha transmitido a vida com a força de sua ordem.

De novo ele chega aos mais elevados milagres. Colocando-se em viagem em direção à filha do chefe da Sinagoga,⁶⁶ voluntariamente se detém no caminho, tornando pública a cura escondida da hemorroíssa, de sorte que neste tempo a morte pudesse apoderar-se da menina enferma. Ora, desde não muito tempo a alma estava separada do corpo e faziam lamentações, com clamor fúnebre, aqueles que participavam na dor, quando, com uma palavra imperativa, chamava à vida, como se tratasse do sono, a menina. Assim, ele conduz por um caminho lógico a fraqueza humana em direção às obras maiores.

O filho da viúva de Naim

Sucessivamente, ele se eleva ainda em seus milagres e, por uma força maior, coloca os homens no caminho da fé na ressurreição. A Escritura fala de Naim, uma cidade da Judeia.⁶⁷ Nesta cidade havia o filho único de uma viúva; este não era mais um menino para estar entre

os adolescentes, mas atingira a idade de homem. A Escritura o chama de “jovem”. A narração, através de poucas expressões, diz muitas coisas: é um grande canto de luto. Diz que a mãe do morto era viúva. Vede a profundidade e como a Escritura, em poucas palavras, narra tragicamente a paixão. Com efeito, o que diz ela? Que a mãe não tinha mais esperança de ter outros filhos para ser curada da desgraça daquele que perdia: a mulher era viúva. Ela não podia fixar seus olhos em um outro filho que substituísse o defunto: este era filho único. A grandeza deste mal, todos aqueles que não são estranhos à natureza facilmente a compreenderão. Somente ele na dor a mãe tinha conhecido, somente ele tinha amamentado em seu seio; somente ele era feliz à sua mesa; somente ele iluminava de alegria a casa, quando ela o via jogar, trabalhar ou fazer ginástica; era contente em público, nas manifestações de dor, nas assembleias de jovens; somente ele era tudo o que há de doce e de precioso aos olhos de uma mãe. Ele estava na idade de casar-se, o jovem rebento da família, o ramo da sucessão e o arrimo da velhice. A menção da idade é um outro canto de luto: a Escritura, designando-o como “jovem”, expressa a flor da idade que se consumou, aquele ao qual não faz muito tempo começava a florescer o pelo sobre as faces, ainda não cheias pela espessura da barba e que ainda resplandeciam pela beleza. Que devia, portanto, experimentar a mãe? Suas entranhas ardiavam como um fogo. Que amargura devia ter seu canto de luto, enquanto ela abraçava o cadáver! Como não apressava a sepultura do morto, mas se saciava de dor, prolongando os seus gemidos! A Sagrada Escritura evidencia esta cena dizendo: “Vendo-a, Jesus foi movido de compaixão e, aproximando-se, tocou no esquite; os que o levavam pararam. Em seguida, disse ao morto: ‘Jovem, eu te ordeno, levanta-te’. E o restituiu vivo à mãe”. O jovem estava morto desde há muito tempo, mesmo que não tivesse sido ainda depositado na tumba. A ordem do Senhor é a mesma que precedentemente, mas o milagre é maior.

Lázaro

Cristo avança agora para realizar um milagre mais sublime, a fim de que as obras visíveis façam nos aproximar do milagre inacreditável da ressurreição. Estava enfermo um dos familiares e amigos do Senhor. Lázaro é o nome do enfermo.⁶⁸ O Senhor, que se encontrava longe dele, recusa visitar seu amigo, a fim de dar à morte, na ausência da vida, ocasião e poder de fazer sua própria obra pela doença. O Senhor revela na Galileia o estado doloroso de Lázaro e também a sua decisão de ir vê-lo e de fazer levantar aquele que jazia doente. Os discípulos estavam cheios de temor por causa da maldade dos judeus, julgando perigoso retornar novamente à Galileia, no meio daqueles que desejavam matá-lo. E, por isso, eles tardam e adiam sempre a partida. Enfim, com o tempo, eles deixam a Galileia: o Senhor os dominava por sua potência e os conduzia. Ele devia iniciá-los em Betânia nas prefigurações da ressurreição universal.

Quatro dias tinham transcorrido desde o evento doloroso da morte; os ritos habituais tinham sido realizados para o corpo, e o corpo fora depositado na tumba. Como é natural, o cadáver já estava inchado, e se dissolvia, banhado nas vísceras da terra e corrompido segundo a necessidade do corpo. Era um objeto do qual se devia fugir, quando a natureza se vê constrangida a restituir à vida aquilo que já se dissolvia e era de um odor repugnante. Então a obra da ressurreição universal é levada à demonstração com um milagre de maior evidência: não é de fato chamado novamente à vida alguém com uma doença grave, nem estando nos últimos suspiros, nem um menino que acaba de morrer, nem um jovem a ponto de ser levado à sepultura é libertado da tumba; mas um homem de idade, morto, corrompido no corpo, já inchado e em dissolução, de sorte que seus familiares não suportavam fazer aproximar o Senhor da tumba, por causa do mau odor do corpo ali depositado. Ora, este homem, com uma só

palavra, é vivificado e assim torna acreditável o anúncio da ressurreição. E assim o que esperamos para o todo, nós o aprendemos pela experiência de uma parte. Como de fato na renovação do universo, diz o Apóstolo,⁶⁹ o próprio Cristo descerá em um piscar de olhos, à voz do Arcanjo, e ao som da trombeta fará levantar os mortos para a imortalidade, assim também agora aquele que estava no sepulcro, lançando para longe de si a morte como um sono e expulsando de si a destruição sobrevinda pelo estado de morte, íntegro e são, sai do sepulcro, não sendo impedido na saída pelas bandas que envolvem seus e pés e suas mãos.

Sua própria ressurreição

Essas são talvez pequenas coisas para fundar nossa fé na ressurreição? Procurais ainda outros testemunhos para confirmar vosso juízo sobre este ponto? Ora, não é sem razão, creio eu, que o Senhor, desejando traduzir o pensamento dos homens a seu respeito, diz essas palavras àqueles que se encontram em Cafarnaum: “Certamente, me aplicareis este provérbio: ‘Médico, cura-te a ti mesmo’”.⁷⁰ De fato, tendo habituado os homens ao milagre da ressurreição nos outros corpos, agora devia realizá-lo no corpo que ele tinha assumido para tornar seguro o seu discurso. Vistes o seu anúncio produzir efeito sobre os outros: homens a ponto de morrer, o menino que acaba de expirar, o jovem conduzido à tumba, o morto já corrompido, todos, a uma só ordem, são chamados igualmente à vida. Talvez vós perguntais onde estejam aqueles que morreram pelas feridas e pelo sangue, a fim de que o desfalecimento da força vivificante não torne vã a graça da ressurreição: vede aquele cujas mãos foram transpassadas pelos pregos, vede aquele cujo lado foi transpassado pela lança. Colocai vossos dedos no lugar dos pregos. Colocai vossa mão na ferida feita pela lança. Compreendereis o quanto tenha penetrado a ponta da lança, calculando o caminho para o interior da largura da ferida. A ferida deixou espaço para a entrada de uma mão de homem! Isto demonstra o quanto tenha penetrado profundamente o ferro. Se este homem ressuscitou, podemos professar o famoso dito do Apóstolo: “Como alguns dizem que não há ressurreição dos mortos?”⁷¹

Conclusão: a fé em sua simplicidade

O testemunho dos eventos passados confirma, portanto a verdade de toda a predição do Senhor: não somente a ressurreição nos é ensinada pela Palavra, mas, graças àqueles mesmos que a ressurreição restituiu à vida, os fatos nos dão a prova da promessa. Agora, qual motivo permanece para aqueles que não acreditam? Deixaremos de lado todos aqueles que se fundam na “filosofia” ou nos erros vãos para rejeitar a fé em sua simplicidade e daremos nosso assentimento sem reserva às breves palavras do Profeta que nos ensina o modo pelo qual se dera a ressurreição: “Retirais o sopro, eles expiram e voltam ao pó. Enviais o vosso Espírito e somos criados e renovais a face da terra”.⁷² Então o Senhor encontrará alegria nas suas obras. Como, de fato, poderíamos chamar alguém um pecador, quando o pecado não mais existe?

CAPÍTULO XXVI

A ressurreição não é do âmbito do inverossímil

Existem alguns que, através da fragilidade dos raciocínios, avaliando a potência divina segundo as nossas medidas, julgam nem mesmo possível a Deus aquilo que é incompreensível para nós. Eles mostram a destruição daqueles que morreram há muito tempo, os restos daqueles que morreram no fogo; além desses, acrescentam o caso dos carnívoros e do peixe que, tendo devorado a carne de um naufrago, tornou-se, por sua vez, alimento dos homens e que a digestão transformou no corpo mesmo daquele que o comeu. E consideram ainda muitas outras razões desprezíveis e indignas da grande força e magnificência de Deus,

para rejeitar nossa doutrina, como se Deus não pudesse novamente pelos mesmos caminhos restabelecer o homem em sua natureza por meio da ressurreição. Mas, ao contrário, encurtando esses longos circuitos de lógica vã deles, nós julgamos que a decomposição do corpo aconteça nos elementos dos quais era composto; e não somente que a terra retorne à terra segundo a Palavra divina, mas que também o ar e o úmido retornem àquilo que é da mesma espécie, e que cada um dos elementos que está em nós se transforme naquilo que é do mesmo gênero, quer o corpo humano tenha sido devorado por pássaros carnívoros ou por feras selvagens e se tenha transformado neles, quer tenha vindo sob os dentes dos peixes ou tenha sido transformado em fumaça e em cinzas. Onde quer que, por hipótese, nosso raciocínio coloque o homem, ele está sempre dentro do cosmo. Ora, o cosmo está contido na mão de Deus, como nos ensina a Palavra divinamente inspirada.⁷³ Se, portanto, ignorais o objeto que tendes na mão, acreditais que o conhecimento de Deus tenha menos força que a vossa, como se este não pudesse conhecer a exatidão das coisas que tem em sua mão?

CAPÍTULO XXVII

Como é possível que, mesmo depois do retorno do corpo humano aos elementos do todo, cada ser pode tirar novamente da massa comum aquilo que lhe pertence como próprio

Conaturalidade permanente do corpo e da alma

Considerando os elementos do todo, parecerá muito difícil que o ar que está em nós retorne àquilo que lhe é conatural, e depois da mistura do quente, do úmido e da terra com seus elementos naturais, novamente, a partir dessa massa comum, o que pertence a cada um retorne ao seu proprietário. Não pensais, portanto, através dos elementos humanos, que isto não ultrapassa os confins da potência divina? Vós vistes certamente nos lugares habitados pelos homens um só rebanho formado da reunião de animais pertencendo a diferentes proprietários: quando vem o momento de repartir novamente os animais entre seus proprietários, o hábito dos animais de retornarem ao estábulo ou certos signos impostos restituem a cada um deles a própria parte. Pensai alguma coisa de semelhante também a vosso propósito e não estareis longe da verdade. A alma tem naturalmente nela uma inclinação afetuosa pelo corpo com quem ela habita e, por causa de sua união com ele, ela possui uma aptidão secreta para reconhecer seu familiar, como se naturalmente ela conservasse alguns signos especiais impressos por parte da natureza, mediante os quais a massa comum, sem confusão, permanece diferenciada nas propriedades. Tirando a alma junto de si novamente aquilo que lhe é congênere e próprio, qual fadiga poderia impedir à potência divina a reunião dos elementos da mesma família que, por uma atração misteriosa da natureza, são levados em direção àquilo que lhes é próprio?

Elemento permanente na mudança do nosso corpo: o eidos (= forma)

De fato, a conversação do Cristo sobre o Hades mostra que na alma, mesmo depois de sua separação, permanecem marcas distintivas do composto que éramos. Quando os corpos são depositados na tumba, permanece nas almas algum sinal corporal que permite reconhecer Lázaro e não permite ao rico permanecer desconhecido. Portanto, não é inverossímil acreditar que os corpos que ressuscitam deixam a massa comum para retornar aos seres particulares. Aquele que examina com mais cuidado nossa natureza não terá qualquer dificuldade em admiti-lo. O nosso ser não está todo submetido ao fluxo e à transformação: seria absolutamente incompreensível se ele não tivesse alguma fixidez natural. Na realidade é mais exato dizer que uma parte de nosso ser permanece estável, enquanto a outra está submetida à transformação. Nosso corpo se torna outro quando cresce ou diminui, revestindo, como vestimentas, idades sucessivas. Mas através do movimento permanece imutável a forma

(*eidos*) própria do nosso ser que não perde os sinais impostos pela natureza, mas permanece visível através das características particulares, não obstante todas as modificações corporais. Sem dúvida é preciso colocar à parte a mudança produzida pela doença, que afeta o aspecto exterior: como um aspecto diverso, a deformidade da doença toma o lugar da forma. Depois de tê-la arrancado com o pensamento (como aconteceu a Naaman, o Sírio, e aos leprosos, cuja história o Evangelho narra), novamente a forma velada da doença aparece com as próprias características, uma vez retornada a saúde.

O eidos do corpo permanece na alma separada como uma marca

No composto que somos nós, a parte da alma semelhante a Deus é inerente não àquilo que flui na alteridade, mas àquilo que é estável e sempre igual. E visto que as qualidades da combinação que mudam transformam as diferenças relativas ao aspecto exterior, esta combinação não é senão a mistura dos elementos primeiros. Chamamos elementos primeiros aqueles que constituem o fundamento da criação do todo e pelos quais também é composto o corpo humano. Em consequência, como o aspecto exterior do corpo permanece na alma que é como a marca em relação ao selo, os materiais que com a marca modelaram a forma não permanecem desconhecidos à alma, mas no instante da ressurreição retornam novamente a esta aquelas coisas que se harmonizam com a marca deixada nela pelo aspecto exterior do corpo; e se harmonizam completamente com ela aqueles elementos que desde a origem formaram este aspecto exterior. Portanto, não é de todo inverossímil que da massa comum retorne a cada um o que lhe é próprio.

Dizem que a prata viva, versada do vaso que a contém em um lugar plano e empoeirado, se espalha na terra não se misturando com nenhuma das coisas com as quais toma contato. Se aquilo que é disperso se reúne novamente em uma só, espontaneamente as partes se reúnem com aquilo que é da mesma origem, sem que nada possa impedir a mistura natural. Semelhante coisa, creio eu, se deva pensar do composto humano: que a possibilidade lhe seja dada somente por Deus e as partes se reúnem espontaneamente umas às outras, segundo suas relações, sem que o Restaurador da natureza produza algum trabalho. E, de fato, nas coisas que nascem do solo, nenhuma fadiga vemos da parte da natureza em relação ao trigo, ao milho ou a qualquer outra semente de grão ou de legume para transformá-los em haste, espiga imatura e espiga completa. Espontaneamente e sem esforço, a partir do solo comum a nutrição conveniente passa para cada semente. Se, portanto, submetendo todas as plantas à mesma substância úmida, cada uma daquelas que aí encontra nutrição absorve aquilo que lhe convém: que coisa há de extraordinário se, no caso da ressurreição, assim como acontece às sementes, cada ressuscitado atraia para si os elementos que lhe pertencem?

A grande maravilha: o desenvolvimento do homem

De tudo isto é possível aprender que o anúncio da ressurreição não é do domínio dos fatos que brotam de nossa experiência. Entretanto, tínhamos passado sob silêncio o fato (entre aqueles que nos dizem respeito) mais conhecido: a primeira origem da nossa formação. Quem, de fato, não conhece a obra magnífica da natureza, que coisa recebe o seio materno, que coisa produz? Não vedes que a semente lançada nas vísceras maternas para servir de origem ao nosso organismo corporal é simples de um certo modo e apresenta partes todas semelhantes? Qual discurso poderia explicar a variedade do conjunto formado? Quem, não conhecendo as obras comuns da natureza, poderia pensar que suceda que aquele pequeno elemento e sem nenhuma importância, seja o princípio de uma tão grande obra? Grande não somente em relação à formação do corpo, mas àquilo que, mais do que tudo, é digno de admiração, a saber: a própria alma e as coisas que ao redor dela se consideram.

Contra aqueles que sustentam a preexistência das almas em relação aos corpos ou, ao contrário, a formação do corpo antes das almas. Neste capítulo também a refutação dessas ficções que concernem à passagem das almas de um corpo para outro (metempsychosésis)

Talvez não esteja fora de nosso assunto examinar cuidadosamente os problemas discutidos nas igrejas a propósito da alma e do corpo.

Duas hipóteses: a) Preexistência

De algum daqueles que estudaram o assunto antes de nós, foi escrito o *Discurso em torno dos princípios*. Esses dizem que as almas preexistem e formam por assim dizer um povo em uma cidade à parte. Aí são colocados os modelos do vício e da virtude. A alma que permanece no bem permanece sem a experiência de liame com o corpo; mas se ela decai da participação que tem com o bem, escorrega para a vida daqui embaixo e assim se encontra em um corpo.

b) A alma: "sopro vital", posterior ao corpo

Outros, associando-se à ordem seguida por Moisés na narração da formação do homem, afirmam que temporalmente a alma foi criada depois do corpo.⁷⁴ Com efeito, Deus, primeiramente, tomando o pó da terra, formou o homem; em seguida, o animou com um sopro. E com este discurso mostram que a carne é mais importante do que a alma, visto que esta é introduzida em uma carne formada anteriormente. De fato, dizem que a alma nasceu em vista do corpo, a fim de que a figura não permanecesse sem espírito e sem movimento. Tudo aquilo que é em vista de alguma coisa é de todo menos importante do que aquilo em vista do qual nasce. Como diz o Evangelho, a alma vale mais que o alimento e o corpo mais que a vestimenta, porque esses são por causa daqueles: não é para a nutrição que foi criada a alma, nem em vista da vestimenta foi formado o corpo, mas já existindo aqueles, foram descobertos em seguida esses para as suas necessidades.

Crítica

Em ambas as opiniões, o discurso é criticável, tanto aquela que imagina que as almas tiveram uma existência anterior em alguma cidade particular quanto aquela que sustenta que as almas foram feitas depois dos corpos. Será necessário examinar em detalhe cada uma de suas afirmações. Mas indagar com precisão os discursos de ambas as partes e tornar claros os absurdos que neles estão contidos exigiriam muito tempo e longas argumentações; por isso, tanto quanto possível, examinaremos brevemente cada um dos dois discursos para, em seguida, retomar novamente nosso assunto.

A primeira hipótese, inspirada na filosofia grega

Aqueles que defendem o primeiro discurso e julgam precedente à vida no corpo a comunidade das almas, não me parece que se tenham purificado dessas doutrinas imaginadas pelos Gregos sobre a metempsicose. Quem procurasse com diligência acerca disso, acharia que, para esses, o discurso é arrastado para aquele que dizem que tenha pronunciado um dos seus sábios: ele nasceu homem, se reveste de um corpo de mulher, voa entre os pássaros, torna-se arbusto e termina por viver nas águas. Se este sábio diz essas coisas de si mesmo, segundo a minha opinião, não me parece longe da verdade. Verdadeiramente, essas opiniões que dizem que uma só alma passa através dessas situações são dignas da irracionalidade dos peixes ou da insensibilidade dos carvalhos; a causa desta opinião absurda é a crença na preexistência das almas. De fato, o princípio à base desta opinião conduz logicamente o discurso a conclusões inverossímeis. Se a alma, tirada, por

causa do vício, desse estado mais elevado em que está, depois de degustado uma vez, como dizem, da vida corporal, torna-se, por sua vez, homem e se deve reconhecer que esta vida carnal é toda submetida às paixões em comparação com a vida eterna e incorpórea, segue-se necessariamente que a alma, nesta vida onde ela encontra muitas ocasiões para pecar, esteja em uma malícia maior e na situação de ser majoritariamente escrava das paixões.

Ora, para a alma humana, a paixão consiste na semelhança com aquilo que é irracional; como ela, portanto, se aproximou desse por sua natureza, ela cai na natureza bestial e, uma vez no caminho do vício, não pode deter-se no caminho que a leva ao mal, nem mesmo estando no irracional. De fato, o fim nesse mal é já uma retomada do caminho em direção à virtude. Ora, virtude não há nos seres irracionais. Portanto, necessariamente, a alma não cessará de passar para um estado pior, indo sempre em direção ao que é mais vergonhoso e sempre procurando aquilo que é inferior à natureza onde ela está. E da mesma maneira que do racional se abaixa para o sensível, assim a partir deste último a queda continua em direção ao insensível.

Até aqui o discurso também se move fora da verdade, mesmo se através de uma concatenação lógica siga de inverossimilhanças em inverossimilhanças. Mas, logo a seguir sua doutrina se perde em imaginações incoerentes e, logicamente, se entrevê a perda absoluta da alma. Uma vez que, fato, esta tenha deixado a convivência superior, ela não poderá deter-se em nenhuma medida de vício, mas, submetida às paixões, do estado racional, ela passará ao irracional: deste se transformará na insensibilidade das plantas. A situação dos seres inanimados não está longe daquele que não tem sensação; e depois segue aquilo que não tem existência; assim, logicamente, segundo esses autores, a alma se transforma no não-ser e será impossível o retorno a um estado melhor. Mas esses a fazem vir à alma do arbusto e demonstram com isso que a vida no arbusto é mais digna do que aquela do estado incorpóreo. De fato, foi dito que a alma, uma vez iniciado o caminho para o mal, descera para o que é mais baixo. Ora, o inanimado vem depois do não sensível e é em direção ao inanimado que o princípio da opinião deles conduz a alma. Como eles não desejam esta consequência, ou encerram a alma em um estado privado de sensibilidade, ou daí a fazem voltar para a vida humana, proclamando a vida da árvore mais digna do que o primeiro estado da alma, visto que precisamente a queda para o mal começou nesse estado superior e do estado inferior começa o retorno para a virtude.

A segunda hipótese

É, portanto, refutado como sem início nem fim o discurso que afirma que as almas vivem por si mesmas antes de viverem na carne e que o vício foi a causa de sua união a um corpo. A absurdidade daqueles que dizem que a alma veio depois do corpo foi demonstrada pelo que precede. Um e outro discurso devem ser absolutamente rejeitados. A nossa opinião deve situar-se, creio eu, no meio das duas hipóteses extremas. Na verdade isto é o que pensamos: não acreditamos, segundo o erro dos Gregos, que as almas giram juntas com o todo pela impossibilidade de correr na velocidade do movimento celeste, e, por causa do peso contraído no vício, caem na terra; não admitimos tampouco que o homem foi primeiramente modelado pelo Verbo como uma estátua de barro; em seguida, que a alma foi feita em vista do corpo. De fato, a natureza inteligente se mostraria inferior à obra de barro.

CAPÍTULO XXIX

Provas que estabelecem que o início na existência é único e o mesmo para a alma e para o corpo

Uma vez que o homem é uno, em sua composição de alma e de corpo, seu ser não deve ter senão uma única e comum origem; em outras palavras: se o corpo viesse primeiro e alma

depois, seria preciso dizer o homem ao mesmo tempo mais velho e mais jovem do que ele próprio. Mas, como explicamos um pouco mais acima, nós sustentamos que a força de presciência de Deus estabelece primeiramente todo o pleroma humano, segundo o testemunho do Profeta,⁷⁵ dizendo que Deus conhece todas as coisas antes que aconteçam. Na criação dos seres particulares uma coisa não precede à outra na existência: nem o corpo vem antes da alma, nem vice-versa: assim o homem dividido por uma diferença temporal estaria em contradição consigo mesmo.

Pensando em nossa dupla natureza, segundo o ensinamento do Apóstolo, e que compreende o homem visível e o homem escondido, se um preexistisse e o outro viesse depois, a potência do Criador seria convencida de imperfeição: ela, de fato, não seria suficiente para criar o todo em seu conjunto, mas ela dividiria seu trabalho e se ocuparia, alternadamente, de cada uma dessas duas partes. No grão de trigo ou em qualquer outra semente já está contida em potência a forma da espiga: a erva, o colmo, as partes medianas, os frutos e as espigas; e dizemos que nenhum desses elementos preexiste ou é gerado na ordem da natureza antes da semente, mas que, segundo uma ordem natural, se mostra a força que está dentro da semente, sem que aí seja introduzida uma outra natureza.

Pela mesma razão julgamos que a semente humana no princípio da constituição tenha difundido em si a potência da natureza. Esta se desenvolve e se manifesta segundo a lógica do desenvolvimento físico, caminhando em direção ao seu cumprimento, não tomando como ajuda nada do externo, mas progredindo para o seu estado de perfeição em uma concatenação lógica. Assim, nem a alma existe antes do corpo nem o corpo existe separadamente da alma, mas um só é o princípio de ambos, segundo uma lógica fundada na vontade de Deus.⁷⁶ Segundo uma outra lógica, ele é colocado nos primeiros momentos de nossa vinda ao mundo. Como não é possível distinguir a divisão dos membros no embrião deposto em vista da concepção do corpo antes da formação, é impossível também individuar as propriedades da alma, antes que esta chegue a exercer sua atividade.

Mas como ninguém poderia duvidar de que este embrião se conforme na diferença de membros e de vísceras sem a ajuda de forças externas, mas ativando naturalmente a sua força interior, analogamente podemos pensar da mesma maneira em relação à alma: mesmo se não se conhece por certas atividades na ordem do manifesto, esta, todavia, subsiste no embrião.⁷⁷ Com efeito, a configuração do futuro homem aí já está em potência, mas a alma está ainda escondida, uma vez que ela não pode manifestar senão segundo a ordem lógica. Assim também a alma está no embrião, mas não visível: ela se manifestará em sua atividade segundo a natureza, acompanhando o crescimento do corpo.

Uma vez que a força necessária para a concepção não vem de um corpo morto, mas de um corpo animado e vivente, dizemos que é lógico pensar que não esteja morto e sem alma aquilo que, partindo de um vivente, chegue à vida. De fato, toda carne, se ela não tem alma, está completamente morta, a morte sendo a privação da alma. Ora, ninguém poderá dizer que a privação é anterior à posse, como se alguém sustentasse que o inanimado que está morto venha antes da alma.

Se alguém procurasse uma prova mais evidente da vida que está no embrião do vivente em vias de formação, poderia examinar outros sinais de diferenciação entre o animado e o morto. Para constatar que os homens estão em vida, temos certo calor, a atividade e o movimento, ao passo que o resfriamento e a imobilidade de um corpo nada mais são do que sua morte. Ora, o embrião, sobre o qual discorreremos, é fonte de calor e de energia: é a prova de que ele não é inanimado.

Mas como para o elemento corpóreo do embrião não falamos de carne, de ossos, e de cabelos, nem de tudo aquilo que se vê no homem feito, mas digamos que cada uma dessas

coisas está em potência, nem se manifesta ainda no visível; do mesmo modo no que tange à alma, dizemos que a razão (*to logiskón*), a faculdade de desejar (*epithymētikón*), o ânimo (*thymoeidés*) e todos os seus atributos não têm ainda no embrião o lugar que lhes cabe: as atividades da alma se desenvolvem em correlação com a formação e com o aperfeiçoamento do corpo que a recebe. Da mesma maneira que um homem chegado à maturidade mostra claramente ao redor de si a atividade da alma, assim desde sua formação a ação que a alma exerce é adaptada e mensurada à necessidade presente e ela se traduz por este fato de que a alma se constrói por si mesma, através da matéria colocada dentro do seio materno, a morada que lhe convém. De fato, não julgamos possível que a alma se adapte em moradas estranhas, como não é possível que uma marca feita em uma cera se adapte a uma incisão diversa. Da mesma maneira que o corpo passe da pequenez à perfeição, assim a atividade da alma se desenvolve e cresce em conexão com o corpo. No tempo da primeira formação, como em uma raiz escondida na terra, só aparece a força de crescimento e de nutrição: a pequenez do corpo que recebe esta atividade não tem espaço para conter aquilo que é demais. Em seguida, quando a planta vem à luz e produz um rebento ao sol, floresce a graça sensível. Enfim, quando o corpo chega à maturidade e a uma grandeza conveniente, começa a brilhar a força da razão, mas esta não se manifesta de uma só, mas crescendo segue com cuidado o aperfeiçoamento do instrumento sempre produzindo fruto na medida em que lhe permite a força do corpo que a recebe. Refleti, diz Moisés, sobre ti mesmo e conhecerás como em um livro a história das obras da alma.

A própria natureza te dirá, mais eficaz que todo discurso, as várias ocupações da alma no corpo, nas considerações universais e naquelas segundo as partes. Mas é supérfluo enumerar o que nos concerne, como se tivéssemos para narrar uma maravilha que nos ultrapassa. Quem, portanto, vendo a si mesmo, tem necessidade de aprender a própria natureza com um discurso? É possível, tendo aprendido como o corpo é adaptado a toda atividade vital, conhecer ao redor de que coisa trabalhe a parte física da alma, por ocasião da primeira formação de nosso ser.

Assim, também disto é claro que não é fora de propósito dizer que não está morto e sem alma na oficina da natureza humana o embrião que aí se depõe, tirado de um corpo vivente, para a produção de um ser. De fato, os grãos ou os fragmentos das raízes, nós não os lançamos na terra se perderam a força vital que naturalmente residiam neles; não plantamos senão aqueles que conservam, sem dúvida escondidos, mas reais, as propriedades do protótipo; não é a terra que os circunda que lhes dá tal força a partir de fora; a terra torna clara a força que reside neles, através da própria umidade, colocando-a nas raízes, na casca, nos rebentos dos ramos, completando a planta. Uma semelhante coisa não poderia acontecer se no germe não tivesse nenhuma força física capaz de atrair para si, do terreno circunstante, a nutrição congênere e conveniente, para que possa nascer arbusto, ou grande árvore, espiga ou qualquer outro dos rebentos.

CAPÍTULO XXX

Algumas considerações tiradas da medicina sobre a constituição de nosso corpo

Ser instruído na Igreja

Cada um ensina cuidadosamente a si mesmo a formação de nosso corpo, daquilo que vê e sente, tendo como mestra a própria natureza. É possível, para quem assume a doutrina elaborada nos livros daqueles que são especialistas nesta matéria, aprender com precisão todas essas coisas. Desses alguns aprenderam através da anatomia a formação das partes de nosso corpo; outros compreenderam para qual finalidade são constituídas, de sorte que chegue daqui, para quem por isso se interessa, ao conhecimento da constituição humana. Mas para aquele que prefere sobre todos esses pontos ser instruído pela Igreja, a fim de não de ter

necessidade de ouvir vozes estranhas (esta é, de fato, a lei das coisas espirituais, como diz o Senhor, de não ouvir vozes estranhas),⁷⁸ acrescentaremos algumas palavras sobre essas coisas.

Divisão dos órgãos segundo a sua finalidade

Estudando a natureza de nosso corpo, consideramos a finalidade de cada parte de nosso ser sob três aspectos: a vida, seu bem-estar, sua transmissão. Os órgãos, sem os quais não é possível que se sustente a vida humana, são em número de três: o cérebro, o coração, o fígado. É preciso acrescentar todos os bens que a natureza concede ao homem para permitir-lhe o bem viver: são os órgãos relativos às sensações. Tais órgãos não constituem a vida do homem, visto que alguns fazem falta frequentemente, sem que ela por isso seja atingida; mas, sem sua atividade, o homem não pode participar nas alegrias da vida. O terceiro ponto diz respeito à continuidade e à sucessão da vida. Além desses órgãos, há outros, presentes em todos, para a conservação do ser do homem, cada um dos quais traz vantagens convenientes como o estômago e os pulmões: um, reanima com o ar o fogo no coração; o outro introduz o alimento nas vísceras. Por esta divisão de nosso organismo, é possível exatamente dar-se conta de que a força da vida não é transmitida por um só órgão, mas que a natureza distribuiu em várias partes o que contribui para a conservação do nosso ser e que ela torna necessário para o todo o concurso de cada uma das partes. São muitas as coisas que a natureza confeccionou para a segurança e a beleza da vida e muito diferentes entre si.

Escopo: estudos das partes do organismo

Antes de ir adiante, julgo necessário indicar brevemente a discussão dos primeiros princípios das coisas que são pertinentes à conservação da nossa vida. Deixamos de lado por ora a matéria de todo o corpo que é comum a cada um dos membros: nós nos propomos o estudo das partes de nosso ser; a fisiologia da totalidade não nos seria de nenhuma utilidade. Como todo o mundo está de acordo em dizer que temos em nós os mesmos elementos constitutivos que o universo, o quente, o frio e também a mistura que se faz entre o úmido e o seco, devemos tratar de cada elemento.

Três forças: o quente, o frio e o movimento

Constamos que três forças governam nossa vida: uma aquece tudo com seu calor, outra banha com a umidade o que está quente, de sorte que pela força igual das qualidades contrárias, o animal se mantém no meio, nem a umidade evapora por excesso de calor, nem é extinto o calor pela predominância da umidade. A terceira força estabelece uma junção harmônica entre as articulações separadas umas das outras; ela as reúne entre si por ligamentos e a todas comunica o movimento livre e espontâneo. Se ela abandona uma parte, esta não pode mais agir e morre, não recebendo mais o espírito (*pneuma*) que a move espontaneamente.

Equilíbrio de elementos para a atividade dos sentidos

Antes de deter-nos nesse ponto, é melhor pensar na arte com a qual a natureza constrói o nosso corpo. Uma matéria seca e resistente não recebe as energias sensíveis. Isso é evidente, se consideramos nossos próprios ossos ou as plantas da terra: na verdade observamos neles certa forma de vida pelo fato de que crescem e se alimentam, mas a dureza do substrato não permite neles a sensação. Para permitir essa atividade, era preciso também imaginar um conjunto que tivesse a maleabilidade da cera e pudesse receber a impressão dos objetos que se apresentam, sem que um excesso de umidade conduza à sua confusão (com efeito, em um líquido, a impressão não é durável) e sem que esta matéria ofereça à imagem uma grande

resistência; mas o conjunto deve possuir o meio entre a moleza e a dureza, para não privar o vivente da mais bela das atividades da natureza, isto é, do movimento dos sentidos. Ora, uma matéria mole e sem resistência, não tendo nenhuma atividade das coisas duras, não tem como os moluscos nem movimento nem articulações; por isso, a natureza mistura ao corpo ossos bem firmes, unindo-os um ao outro com harmonia natural e ligando estreitamente suas juntas com os liames dos nervos. Deste modo, fixa ao redor deles a carne que recebe as sensações, guarnecida com alguma coisa de mais inflexível e com a superfície externa mais tensa.

Movimento e articulação dos membros

A natureza impôs, portanto, todo o peso do corpo sobre esta ossatura sólida, que se assemelha às colunas que sustentam um edifício; mas ela teve o cuidado de dividi-la no conjunto do corpo. O homem teria permanecido sem movimento ou atividade, se tivesse sido construído como uma árvore fixa no mesmo lugar, sem que a sucessão regular de suas pernas assegurasse o movimento para a frente e sem que a ajuda das mãos lhe seja concedida para a vida. Por esse procedimento, a natureza permite ao organismo deslocar-se e agir, sob a ação do espírito que se comunica livremente aos nervos; para este fim, ela impele o corpo ao movimento e lhe dá a faculdade. Daí a ajuda múltipla das mãos adaptadas para todo desígnio do espírito. Daí as inflexões do pescoço, as inclinações da cabeça e a atividade do queixo, a dilatação das pálpebras acompanhando os movimentos de cabeça, os outros movimentos dos membros, produzidos como em uma máquina pela tensão ou pelo relaxamento de certos nervos. A força que se espalha através dos membros depende de nossa determinação e ela age em cada um deles sob a ação da liberdade, segundo a disposição da natureza. Vimos que a raiz e o princípio desses movimentos nervosos estão nas membranas que circundam o cérebro. Não é necessário, julgo eu, estender-nos mais sobre as partes viventes; indicamos suficientemente a origem do movimento que está em nós.

Diversas funções:

1) do cérebro

A função do cérebro na manutenção da vida aparece claramente quando lhe sobrevêm acidentes: de fato, uma ferida ou uma lesão da membrana que o circunda causa a morte imediata, não resistindo a natureza, nem mesmo por um instante, a esta ferida, como, quando se retiram os fundamentos de um edifício, este desmorona inteiramente com suas partes. Ora, aquilo de que o padecer assinala com evidência a destruição do todo, deve ser certamente reconhecido como a causa principal da vida.

2) do coração

Como após a morte o calor natural se extingue e o cadáver se resfria, é-nos preciso arrolar igualmente o calor entre as causas da vida. De fato, aquilo por cuja ausência leva à morte é de todo necessário aquilo por cuja presença permite ao vivente subsistir. Desta força, vemos que o coração é como que a fonte e o princípio, a partir do qual condutores semelhantes às flautas se separaram uns dos outros para difundir em todo o corpo o fogo e o calor.

3) do fígado

Como a natureza devia absolutamente fornecer ao calor uma nutrição (não é possível que o foco continue a arder sozinho; ele tem necessidade de elemento apropriado), os condutores do sangue, tendo se originado do fígado como de uma fonte, se movem por toda parte no corpo através do espírito quente para evitar que pela separação um do outro seja destruída a natureza por causa da doença. Este exemplo deve servir aos homens que praticam a injustiça: a natureza lhes mostra que a avareza é uma doença portadora de morte.

A divisão do trabalho

Mas visto que só sem necessidade é o ser divino, a pobreza do homem tem necessidade de assumir no exterior os bens para a própria subsistência; por isso, as três potências, pelas quais dissemos que todo o corpo é administrado, permitem à natureza lançar fora a matéria copiosa, fazendo entrar mediante diferentes ingressos aquilo que lhes convém.

Força e sangue

À fonte do sangue que é o fígado, a natureza confiou o encargo do alimento. Aquilo que aí é introduzido através da alimentação prepara as fontes do sangue para brotar do fígado, como a neve sobre as montanhas, que, por sua própria umidade, engrossa as fontes nos pés dos montes e cujo peso faz infiltrar a umidade até os veios das nascentes.

O coração e o pulmão

O ar (*pneuma*) presente no coração é introduzido através da víscera vizinha, cujo nome é pulmão e que é receptáculo do ar; graças à artéria que está nele e que passa pela boca, o pulmão aspira o ar exterior por meio da respiração. O coração, colocado no meio dele, imita a atividade incessante do fogo e ele mesmo, sempre em movimento como os foles que são utilizados pelos forjadores, atrai para si mesmo o ar dos pulmões vizinhos; enchendo as partes côncavas por meio da dilatação e soprando de si mesmo envia o [ar] ígneo às artérias vizinhas. O coração jamais se detém nesse duplo movimento de dilatação para atrair em suas cavidades o ar exterior e de compressão para reenviá-lo às artérias. Daí procede, creio eu, o automatismo de nossa respiração. De fato, frequentemente a inteligência está ocupada em outras coisas ou mesmo repousa inteiramente, ao passo que o corpo está no sono: a respiração do ar não para, não cooperando nesta a vontade de escolha.

Continuidade da respiração e o jogo do coração

Creio que o coração, circundado pelo pulmão, ao qual está unido em sua parte posterior, com a suas distensões e compressões movendo juntamente o pulmão, lhe determina a emissão e a atração do ar. O pulmão é sutil e é constituído de muitos canais e com todas as suas cavidades que se abrem como uma boca em direção ao fundo da artéria: sua contração e sua compressão expulsam necessariamente para fora o ar residual em suas cavidades. Ao contrário, sua dilatação e sua abertura, por este afastamento, atraem o ar em direção ao vazio que se produz. E agora a causa desta respiração, independente de nossa vontade, é a impossibilidade para uma substância ígnea de permanecer no repouso. Visto que o movimento é uma das características das atividades caloríficas e que nós colocamos no coração a origem do calor corporal, a continuidade dos movimentos cardíacos produz a continuidade da aspiração e da expiração; por essa razão, se a intensidade do calor ultrapassa o normal, a respiração das pessoas assim consumidas pela febre se faz mais veloz, como se o coração se acelerasse para apagar o calor ardente interno com o novo ar.

Lugar central do coração

Mas, visto que a nossa natureza é indigente de todas as coisas necessárias à própria subsistência, não tem necessidade somente de um ar próprio e de um sopro que desperte o calor que introduz do exterior para a conservação da vida, mas também nossa natureza toma do exterior a alimentação que sustenta a massa corpórea; por isso, ela satisfaz às nossas necessidades com alimentos e bebidas, tendo colocado no corpo uma força que atrai aquilo que lhe falta e rejeita aquilo que aí há de excesso. Aliás, nesta operação, o calor cardíaco fornece à natureza uma ajuda preciosa.

Uma vez, que segundo o nosso discurso precedente, o coração é a mais nobre de todas as

partes vitais, é com seu sopro (*pneuma*) quente que aquece as partes uma a uma. Ele exerce também sua ação em todo lugar pela potência eficaz que possui, segundo a disposição de nosso Criador desejando que cada parte tenha sua atividade e seu emprego para o bem do conjunto. Daí sucede que, tocando com a parte posterior o pulmão, pela continuidade do movimento, atraindo para si as vísceras, dilata os condutores para a aspiração do ar e, elevando novamente, assegura a evacuação do ar que tinha recebido. Daí sucede também que, aderindo nas suas partes à parte superior do ventre, ele o aquece para torná-lo capaz de executar suas próprias atividades: ele não o desperta para aspirar o ar, mas para que receba seu alimento. As entradas do ar e do alimento são de fato próximas: eles entram em contato um com o outro por todo o seu comprimento, pois eles terminam juntos com o mesmo limite em direção ao alto, a ponto de não terem senão um mesmo orifício e de terminarem seus condutores em uma só boca; donde, por um se faz a introdução do alimento; por outro, a do ar. Mas, em profundidade, a união entre esses canais não é completa: o coração, situando-se no meio da sede de ambos, concede a um o que é preciso para respirar; ao outro, o que é preciso para se alimentar. É natural que a substância ígnea procure a matéria combustível e ela a encontra necessariamente no receptáculo do alimento. Quanto mais este receptáculo é quente por causa do calor vizinho, tanto mais são atraídas, ao mesmo tempo, as substâncias capazes de alimentar o calor: chamamos esta atração de “apetite”.

Repartição do alimento

Quando o órgão que contém o alimento assumiu matéria suficiente, não cessando, porém, a atividade do fogo, mas como em uma fundição, o fogo dissolve a matéria; em seguida esta massa dissolvida se despeja e se espalha, como de um funil de fundidor, nos canais vizinhos. A separação se faz depois entre os elementos mais densos e os mais puros: estes, mais tênues, são impelidos por vários canais em direção à entrada do fígado, e os resíduos materiais do alimento são lançados para os canais mais largos dos intestinos onde, nos numerosos giros desses, eles voltam um certo tempo, para fornecer um alimento às vísceras. Se o canal estiver direito, as matérias serão facilmente evacuadas, mas o vivente seria imediatamente retomado pelo apetite. O homem deveria então trabalhar sem cessar para satisfazê-lo, como fazem os animais. O fígado, mais do que o resto, tinha necessidade da ajuda do calor para converter em sangue as substâncias úmidas; mas, como pela posição, ele se encontra longe do coração – (de fato, não era possível que, sendo princípio e raiz de força vital, fosse vizinho a um outro princípio) –, a fim de que algum órgão no corpo não seja prejudicado em razão do afastamento da essência calorífica, um canal semelhante aos nervos (que os especialistas nesses assuntos chamam de “artéria”) recebe do coração o sopro quente e o conduz para o fígado; ele se comunica com o coração junto do local onde se introduzem as substâncias úmidas, e como seu calor faz ferver estas, ele lhes dá alguma coisa da sua parentela com o fogo, dando ao sangue uma coloração de fogo. Dois canais gêmeos nascem aqui: cada um adaptado, em forma de tubo, para conter o ar e o sangue, de forma a facilitar a passagem à matéria úmida que segue o movimento do calor e é por ela tornada mais leve. Daqui se dividem com muitas discriminações em muitos princípios de canais e ramificações sobre todos os órgãos. Esta mistura entre si dos dois princípios das forças vitais – aquela que envia o calor através do corpo e aquela que envia o úmido através do corpo –, oferece como um presente das coisas próprias à potência que governa toda a nossa vida.

É esta força que se vê nas meninges e no cérebro. Que se considerem os movimentos dos membros, as contrações dos músculos, a recepção em cada uma das partes do sopro enviado pela vontade, esta força, como por um desígnio premeditado, parece ser a causa da atividade e do movimento nesta estátua feita de terra que nós somos. Os elementos mais puros da substância calorífica e os mais leves da umidade se unem assaz intimamente nessas duas

potências para nutrir e sustentar o cérebro por meio dos vapores, e daqui sucessivamente, rarefazendo-se na mais pura condição, os vapores que procedem daquele órgão ungem a membrana que envolve o cérebro; esta, indo de alto a baixo, tem a forma de uma flauta e, estendendo-se através das vértebras sucessivas, é adjacente à medula que ela contém até a última vértebra dorsal onde ela se detém. A todas as juntas dos ossos e das articulações, às origens dos músculos, como um cocheiro, ela comunica o impulso e a potência do movimento e do repouso. Esta constituição tornava, creio eu, necessária uma maior proteção desta membrana. Na cabeça também, esta é circundada por uma dupla defesa de ossos; nas vértebras, ela é protegida, ao mesmo tempo, pelas defesas das espinhas e pelos entrelaçamentos de todas as espécies que elas apresentam. Essas defesas que a envolvem colocam-na em total ausência de paixões encontrando-se em estado de segurança.

Semelhantemente se pode pensar a respeito do coração: como uma morada segura, este é circundado por fortificações e está bem sólido pelos ossos que o envolvem. Por trás, há a espinha dorsal bem defendida de cada lado pelas omoplatas; de ambos os lados, a posição das costelas ao redor do coração torna o meio difícil para atingi-lo. Na frente, o peito e a união das clavículas estão situados de modo a defendê-lo em toda parte dos ataques provenientes do exterior.

Transformação do alimento

Acontece ainda em nós um fenômeno semelhante àquele que se vê na agricultura, quando grandes chuvas ou o transbordamento dos riachos tornam úmido o solo. Suponhamos um campo nutrido em si diversas árvores e toda espécie daquelas que se produzem na terra, nas quais observamos muitas diferenças entre elas: a forma, a qualidade, a particularidade da cor. Todas essas plantas recebem a umidade do mesmo lugar, e a força que as umedece é de uma única natureza, mas cada uma das plantas nutridas transforma a umidade em qualidades diferentes. A mesma umidade se torna amarga no absinto; na cicuta, ela se transforma em um suco que dá a morte; em uma planta, ela se torna uma coisa, outra coisa em uma outra, por exemplo, no açafraão, no bálsamo, na papoula; em uma ela torna-se calor, na outra ela se resfria, em uma outra ela assume uma temperatura média. No loureiro e no junco e em outras plantas semelhantes, ela dá um aroma agradável; na figueira e na pera, ela torna-se doce ao gosto. Na vinha, ela torna-se cacho de uvas e vinho; ela se transforma também no suco da macieira, no vermelho da rosa, no esplêndido brilho dos lírios, no azul das violetas, na cor púrpura do jacinto em todos os outros produtos possíveis da terra, que germinam a partir de uma única e mesma umidade e se diversificam em tantas plantas diferentes pela forma, pela espécie e pelas qualidades.

A natureza, ou melhor, o Senhor da natureza realiza na terra animada que somos nós semelhante maravilha. Os ossos e as cartilagens, as veias, as artérias, os ligamentos, as carnes, a pele, as gorduras, os cabelos, as glândulas, as unhas, os olhos, os narizes, as orelhas e todo o resto e ainda esses mil outros elementos diferenciados uns dos outros por suas propriedades encontram sua alimentação em um alimento único, que lhes é apropriado. Diríamos que o alimento colocado junto de cada órgão se transforma segundo o gênero deste órgão particular e se adapta às suas propriedades para tornar-se da mesma natureza que ele. Se este alimento está no olho, ele se mistura com a parte apta à visão e se divide convenientemente nas diferentes membranas de revestimento do olho. Se ele se espalha na região do ouvido, ele se une ao aparelho acústico; nos lábios, ele torna-se lábio; ele se endurece nos ossos, se amolece na medula, se estende com os nervos, se difunde sobre toda a superfície do corpo, penetra nas unhas, torna-se tênue nos vapores convenientes para a geração dos cabelos: se é conduzido por caminhos tortuosos, faz nascer cabelos crespos e ondulados; mas se esses vapores saem diretamente, os cabelos são esticados e lisos.

Conclusão sobre o modo de desenvolvimento de nosso ser

Mas o nosso discurso muito se afastou dos argumentos precedentes, aplicando-se às obras da natureza, tentando descrever como e de quais elementos é composta cada parte de nosso ser, aquelas que são feitas para assegurar a vida, aquelas que são feitas para seu bem-estar e tudo o que pode ainda figurar em nossa primeira divisão. Aquilo que nos havíamos proposto era mostrar que a causa apta para produzir nosso organismo não é nem alma sem corpo, nem um corpo sem alma, mas que, desde a origem, a partir dos corpos animados e viventes, é engendrado um ser vivente e animado. A natureza humana o recolhe e como uma ama o nutre com as próprias forças. Ela dá seu alimento a uma e à outra parte deste ser e torna manifesto em ambas o desenvolvimento adaptado. Com efeito, desde o início, enquanto o corpo se forma seguindo um plano sabiamente concebido, a natureza faz aparecer nele a força da alma que lhe está ligada: esta aparece primeiramente de maneira indistinta; em seguida, ela resplandece paulatinamente com o aperfeiçoamento do organismo corporal. E como é possível ver nas esculturas quando vem à mente do artista representar na pedra a figura de algum animal vivente; quando tem claro este propósito, ele primeiramente quebra a pedra no bloco ao qual ela pertence; em seguida, talhando ao redor os materiais inúteis, chega a um primeiro esboço que apresenta já os grandes traços do modelo, de modo que, mesmo para um não especialista, através disto que se manifesta, pode adivinhar a intenção do artista. Depois os progressos do trabalho o aproximam ainda mais do ideal que ele quer realizar. Enfim, tendo expressado perfeitamente no bloco todo o detalhe de sua primeira ideia, sua obra está acabada: e então a pedra, pouco antes ainda informe, tornou-se um leão ou uma outra obra que o artista concebeu; o bloco não mudou de substância em razão da ideia, mas é a ideia que, pelo trabalho, penetrou a matéria.

Imaginando do mesmo modo para a alma semelhante processo, não estaremos longe da verdade. A natureza que faz tudo com arte, tendo tomado de uma matéria homogênea em si, a saber, este elemento saído do homem, e dizemos que com ele, ela constrói uma estátua. Da mesma maneira que no trabalho da pedra, quando paulatinamente se esculpe a forma, primeiramente de modo obscuro e, em seguida, de uma maneira perfeita após o acabamento da obra, assim também na modelagem de nosso ser corpóreo a forma da alma aparece, por analogia com o substrato, imperfeitamente no corpo imperfeito, perfeitamente no corpo perfeito.

Razão deste desenvolvimento progressivo

Mas teria sido perfeita desde a origem, se a natureza não tivesse sido mutilada pelo vício; por isso, a comunhão com o modo de nascimento submetido às paixões e semelhante àquele dos animais, impediu a imagem divina de resplandecer imediatamente em nós, e é por uma estrada lógica através das particularidades materiais e animais da alma que conduz o homem em direção à perfeição. Este modo de pensar está em conformidade com o ensinamento do grande Apóstolo em sua primeira epístola aos Coríntios: “Quando eu era criança, falava como criança, raciocinava como criança. Quando me tornei homem, abandonei as coisas de criança”.⁷⁹ Não é pela introdução no homem de uma alma diferente de sua alma de criança que os hábitos de pensamento da criança são expulsos e os do homem aparecem; mas a mesma alma mostra em um seu estado de imperfeição; no outro, seu estado de perfeição.

Os seres, quando nascem e se desenvolvem, nós dizemos que eles vivem: visto que possuem a vida e o movimento natural, não se pode dizer que são inanimados, e tampouco se pode dizer que eles têm uma alma perfeita: notamos nas plantas uma atividade física, mas esta não eleva aos movimentos sensíveis. Os irracionais acrescentam a esta força uma força “psíquica”, mas tampouco esses atingem a perfeição da razão e do pensamento. Por isso, dizemos que verdadeira e perfeita é a alma do homem que se reconhece através de sua

atividade. Se

outros seres participam da vida, isto se deve a um habitual abuso de linguagem que lhes atribuímos uma alma: pois, se a alma deles não é perfeita, eles possuem certas partes de atividade “psíquica”, as quais, como aprendemos pela “antropogênese mística” de Moisés, nascem também no homem em consequência de seu parentesco com os seres vivos nas paixões.

Por essa razão Paulo, aconselhando àqueles que desejam ouvi-lo a permanecer na perfeição, estabelece assim o modo por onde eles atingirão o objetivo de seus esforços: ele diz-lhes para se despojarem do homem velho e se revestirem do novo, deste homem renovado à imagem do Criador. Retornemos, portanto, todos àquela divina beleza na qual Deus no princípio criou o homem, dizendo: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”.

A Deus, sejam a glória e a potência nos séculos. Amém.

¹ Segundo a *Vida de Macrina*, Pedro é o irmão mais jovem de Basílio de Cesareia (329/330-378) e de Gregório de Nissa. Tendo nascido entre os anos 341-345, Pedro chegou a ser posteriormente bispo de Sebaste, sucedendo ao seu irmão Gregório. Teve uma educação exclusivamente religiosa, uma vez que, segundo relata o próprio Gregório, Macrina, sua irmã – que foi para o caçula ao mesmo tempo “pai, mestre, pedagogo, mãe, conselheira de todo bem” – o teria educado na piedade e no conhecimento da ciência divina (cf. *Vida de Macrina* 12,1: PG 46, 972 A-B; GNO VIII/1, pp. 381-384).

² Cf. Pro 17, 6 (LXX).

³ Trata-se de Basílio de Cesareia. Gregório afirma que sua obra é uma continuação do tratado de Basílio *Sobre os Seis Dias (In Hexaemeron)*. Na realidade o tom da obra é diferente, e Gregório se dirige a um público mais intelectual. Na segunda obra de Gregório sobre o tema da criação (*Apologia in Hexaemeron*: PG 44, 61-124), escrita nos primeiros meses do ano 379, pouco depois do *Opifício hominis (A criação do homem)*, ele corrige certas interpretações falsas do texto bíblico e da exegese que Basílio desenvolve em seu *In Hexaemeron*, pois se limitara a uma interpretação histórico-filológica do texto bíblico, declarando expressamente o próprio desinteresse pela alegoria. Além disso, Basílio fora criticado em determinados ambientes pela sua ingenuidade exegética e o fato de ter evitado as diversas aporias que derivavam do texto bíblico.

⁴ Cf. Gn 2,4 (LXX).

⁵ Quanto aos subítulos em itálicos na tradução, sou devedor de J. LAPLACE, em GRÉGOIRE DE NYSSE, *La création de l’homme*. Introduction, traduction (par J. Laplace) et (notes par J. Daniélou). Paris: Du Cerf, 1943 (2002).

⁶ Trata-se de antigo princípio estoico que aparece também em CÍCERO, *De natura deorum* II,45, 115-116.

⁷ O papel do ar como algo que serve, ao mesmo tempo, para separar e unir entre os elementos extremos aparece em CÍCERO (*De natura deorum* 117) e em SÊNECA (*Naturales Quaestiones* II,4).

⁸ Eis a expressão *sympátheia* (conspiração) que é a ideia central da cosmologia de Possidônio de Apameia, filósofo e médico-estoico que morreu em torno da metade do século I a.C.

⁹ Gn 1,26. Este é um texto fundamental de toda a doutrina antropológica de Gregório de Nissa. Os termos *eikóna* e *homoio* sin são aqui para ele sinônimos. A noção de “imagem” (*eikón*) designa a semelhança divina em sua plenitude, isto é, comporta não somente a semelhança natural da mente com Deus, mas também toda a vida sobrenatural.

¹⁰ O conceito nisseno de *apátheia* é rico e diversificado. Significa privação de paixões e, no campo ético, liberdade das paixões ou ausência de paixões. A *apátheia*, entendida como impassibilidade, isto é, como um ser acima de toda dor e de toda mudança, é um atributo exclusivo da divindade. Nesse sentido, a *apátheia* é inseparável da imortalidade e da incorruptibilidade divinas. É também unida à pureza. Deus é a pureza e a impassibilidade.

¹¹ 1 Jo 4,7-8.

¹² Jo 13,35.

¹³ SI 94,9.

¹⁴ A doutrina do anomeísmo é atribuída ao antinicens radical Aécio, que identificou a essência divina com a noção de “não-engendrado”, típica do Pai, pelo qual o Filho resultava diferente, dessemelhante do Pai. Portanto, os anomeus atribuíam ao Filho uma natureza diferente (*anomois*) daquela do Pai. O mesmo argumento utilizado aqui por Gregório para refutá-los se encontra também em S. João Crisóstomo, que polemizou contra esta heresia em suas “De Christi precibus (contra Anomoeos, homilia 10)”.

¹⁵ A referência pode ser a Ef 4,23 e 5,18, mas a noção provém de 1Ts 5,23.

¹⁶ Cf. Mt 22,37; Mc 12,30; Lc 10,27.

¹⁷ 1Cor 3,1.

¹⁸ 1Cor 2,14-16.

¹⁹ Ecl 1,8.

²⁰ Rm 11,34.

²¹ Alusões às controvérsias que opunham estoicos e platônicos.

²² SI 7,10.

²³ Cf. Gn 40,1ss.

²⁴ Gn 1,26.

²⁵ Gn 1,27; Gl 3,28.

²⁶ Gregório de Nissa foi certamente influenciado por Filon de Alexandria em relação a essa doutrina: “Há grande diferença entre o homem modelado agora e aquele que foi criado antes à imagem de Deus. O homem à imagem é, com efeito, espiritual (*noétos*), incorporal, nem macho nem fêmea” (*De mundi opifício* 46).

²⁷ Uma característica da “imagem” de Deus é, portanto, a ausência de sexualidade. Gregório afirmará no final do capítulo que a diferença dos sexos foi acrescentada (*epitechnata*) à imagem. Como entender exatamente esta ausência de sexualidade? Não é toda distinção do homem e da mulher, uma vez que Gregório admite que Deus deu uma companheira a Adão no paraíso. Não é tampouco a ausência de fecundidade. Trata-se do modo “animal” da propagação da vida. Assim a vida sexual não é má em si mesma. Ela é somente uma decadência.

²⁸ O verbo *apergásasthai* possui também o sentido de levar à perfeição.

²⁹ Anteriormente, Gregório de Nissa descreveu longamente esses bens: o caráter régio (*basileia*) atribuído ao homem desde sua criação, que consiste na virtude (*arete*), na bem-aventurança da imortalidade, na justiça. Ele ainda acrescenta outros traços: esta inefável bem-aventurança segundo a virtude compreende a pureza, a *apatheia*, a bem-aventurança, o afastamento de todo o mal.

³⁰ A liberdade criada implica, portanto, uma intrínseca instabilidade que lhe impede de ser sempre imóvel, e que faz da transformação a lei mesma do ser. E aqui a mudança é essencialmente a atitude para escolher entre o bem e o mal.

³¹ Importante passagem para uma filosofia da imagem: a distinção entre incriado (*áktiston*) e criado (*ktistón*). Nesse sentido, existe um evento metafísico fundamental para o pensamento filosófico-teológico de Gregório de Nissa: a passagem do não-ser ao ser em virtude do ato criador de Deus. Entre o homem e Deus, existe a comunidade de “natureza”, mas esta natureza, Deus a possui por si mesmo, ao passo que o homem a recebe de Deus. O aspecto fundamental desta metafísica é, portanto, a distinção especificamente cristã entre a natureza divina incriada e a realidade criada. Esta distinção completa supera a divisão platônica originária da totalidade do ser em sensível e inteligível.

³² Como consequência da passagem do não-ser ao ser, a finitude caracteriza essencialmente a natureza do ser criado. Diferentemente de Deus, que é o único imutável (*átreptos*), o homem, como também todo o criado, subjaz à mudança (*tropê*) não somente enquanto corpo, mas também enquanto espírito (que é também criado). Em relação ao espírito, a *tropê* deste deve ser compreendida como uma variação de qualidade: variação, portanto, não na *ousia*, mas na *própria qualidade da ousia*. Tratando-se de um movimento *linear*, que se explica através da possibilidade de escolher entre o bem e o mal.

³³ Para Gregório de Nissa, a vontade do homem é necessariamente mutável, não porque seja livre nem tampouco porque esteja vinculada ao mundo sensível, mas porque é consequência da condição

criada da liberdade. De fato, sendo a criação de per si um *movimento* (que do não-ser conduz ao ser), esta característica permanece perenemente associada àquilo que é criado e, portanto, o mantém sempre em movimento.

[34](#) Ou: "pela potência presciente do Deus do universo". A referência à presciência e à potência divina elimina toda possibilidade de interpretar o texto no sentido de uma prioridade cronológica. Isto sugere que, de algum modo, Deus antecipa em seu ato criador aquilo que, em seguida, o curso do tempo paulatinamente manifestará. A primeira criação do *pleroma* humano é, portanto, distinta da criação do Adão histórico, na qual se deu a distinção dos sexos, sem que, porém, o pecado estivesse presente, porque acontece antes da queda, e a graça preservava os primogênitos. É evidente o influxo tanto de Filon (em *Legum allegoriarum* I,31; *De opificio mundi* 134) quanto de Orígenes (*In Genesim Homilia I*, PG 12,155 C-157D).

[35](#) Lc 20,35-36.

[36](#) Sl 48,21.

[37](#) Mencionando essas "disposições passionais" que invadiram a natureza humana, Gregório de Nissa alude aqui às chamadas "túnicas de pele". Em Gn 3,21 afirma-se que, depois do pecado, Deus vestiu os primogênitos com "túnicas de pele". Nesse texto Gregório vê um grande simbolismo neste gesto divino: depois da queda, Deus despojou o homem das vestes da sua felicidade originária (imortalidade, confiança em Deus, domínio sobre as paixões) e os reveste de animalidade e de mortalidade. De fato, uma vez que a pele, separada do animal, está morta, Deus, revestindo o homem com "túnicas de pele", o reveste da mortalidade que é própria dos animais irracionais.

[38](#) Literalmente: *tou agathou karatheros* = do caráter bom. A expressão é signo da imagem de Deus.

[39](#) Rm 14,17.

[40](#) Mt 4,4.

[41](#) Jo 7,37.

[42](#) Gn 2,16.

[43](#) Sl 37,4.

[44](#) Pr 3,18.

[45](#) Hb 5,14.

[46](#) 1Cor 2,15.

[47](#) 2Tm 2,19.

[48](#) Ex 33,17.

[49](#) Mt 7,23.

[50](#) O pecado é, portanto, também ignorância. Notemos a expressão grega utilizada anteriormente: *ton ponëron tês hamartias karpon* = "fruto mal do pecado".

[51](#) Gn 3,6.

[52](#) Sl 144,4.

[53](#) Acerca da questão da "demora" da redenção entendida como "restituição da nossa natureza ao seu estado original", ver neste volume *A Grande Catequese*, capítulos 8, 32, 35, 37 e 40.

[54](#) 1Cor 15,47.

[55](#) Sl 95,4.

[56](#) Gn 1,28.

[57](#) 1Cor 15,51ss.

[58](#) 1Ts 4,17.

[59](#) Sl 84,11.

[60](#) Sl 84, 13.

[61](#) Os Maniqueus sustentavam o dualismo gnóstico do bem e do mal. No tempo de Gregório, eram os grandes representantes desse dualismo no século IV. Sobre o maniqueísmo, ver M. R. NUNES COSTA, *Maniqueísmo: história, filosofia e religião*. Petrópolis: Vozes, 2003.

[62](#) Mc 13,1.

[63](#) Lc 23,28-29.

[64](#) Cf. Lc 4,38ss.

[65](#) Cf. Jo 4,46ss.

[66](#) Cf. Mc 5,22ss.

[67](#) Lc 7,11ss.

[68](#) Jo 11,1ss.

[69](#) 1Ts 4,16.

[70](#) Lc 4,23.

[71](#) 1Cor 15,12ss.

[72](#) Sl 104, 29-30.

[73](#) Cf. Sl 31,16.

[74](#) Gn 2,7. Gregório critica a doutrina de Metódio de Olimpo; aqui também é criticado Orígenes.

[75](#) Dn 13,42.

[76](#) Gregório de Nissa, portanto, nega a preexistência da alma, afirmando que é único o princípio de ambos: tanto da alma como do corpo (*mian amphotérôn archên*), extraindo consequências práticas no que tange ao embrião humano. O homem é constituído essencialmente de corpo e alma, recebendo sua origem no mesmo instante.

[77](#) Segundo Gregório de Nissa, o embrião é formado pela alma e pelo corpo, constitutivos da identidade humana, desde o início. Distanciando-se, de um lado, da opinião de Orígenes acerca da preexistência da alma em relação ao corpo e, de outro, daquela de Metódio de Olimpo, Gregório de Nissa afirma que a alma é criada simultaneamente ao corpo, na criação do ser humano como um todo ontológico, sem distinção temporal entre si.

[78](#) Jo 10,4-5.

[79](#) 1Cor 13,11.